

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DEBATE: CONTRIBUIÇÕES AMAZÔNICAS

Early Childhood Education in debate: Amazonian contributions

Eduardo Pereira BATISTA

Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, Brasil

dupeba011107@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7606-9413> 

Vanderlete Pereira da SILVA

Curso de Pedagogia - ENS
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

vanderletesilva@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-9353-3110> 

Ana Lúcia Goulart de FÁRIA

Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, Brasil

cripeq@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1886-3790> 

Roberto Sanches MUBARAC-SOBRINHO

Curso de Pedagogia - ENS
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

rsobrinho@uea.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4893-0883> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Encerrando uma trilogia de debates em torno de diferentes questões relativas à educação infantil, as contribuições amazônicas oferecem às pesquisadoras e aos pesquisadores do campo uma série de problemas e referências teóricas que contribuem para descolonizar o pensamento e abrir novas possibilidades de pensar as práticas e as políticas concernentes as infâncias no Brasil. O debate será apresentado como uma peça teatral, em dois atos, onde as personagens reencenam o debate que foi originalmente apresentado *on-line*.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Políticas. Infâncias.

ABSTRACT

Closing a trilogy of debates on different issues related to early childhood education, the Amazonian contributions offer researchers in the field a series of problems and theoretical references that contribute to decolonizing thinking and opening up new possibilities for thinking about practices and policies concerning childhood in Brazil. The debate will be presented as a play, in two acts, where the characters re-enact the debate that was originally presented online.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Policies. Childhoods.

PRÓLOGO I – Uma trilogia para a educação infantil

Esse texto encerra uma trilogia e, ao mesmo tempo, abre um debate que certamente não se encerra com essas contribuições. Uma trilogia que coloca a educação infantil em debate. Como ocorre em toda trilogia, cada parte pode ser lida separadamente, sem a necessidade de seguir cronologicamente a ordem ou a sucessão dos acontecimentos. Na trilogia tebana, por exemplo, composta por três tragédias de Sófocles, podemos ler *Antígona* antes de ler *Édipo rei* e *Édipo em Colona*, ainda que o enredo de cada parte esteja entrelaçado com as demais. A primeira parte dessa trilogia foi intitulada *Educação Infantil em debate: contribuições paulistas* e a segunda, *Educação Infantil em debate: contribuições feministas contra o fim do mundo*, ambas publicadas na seção Outras Linguagens, da *Revista Zero-a-Seis*. Nossa personagem principal que atravessa de ponta a ponta essa trilogia é a educação infantil. Em cada debate, ela aparece sob um aspecto diverso e nos dá a pensar sobre nossa relação com as crianças, seja na posição de pesquisadores e pesquisadoras das infâncias e culturas infantis, seja na posição de professores e professoras que atuam diretamente com as crianças nas escolas de educação infantil.

Não obstante o limite que toda contribuição oferece a um determinado campo de pesquisa e atuação, essa trilogia amplia uma problemática instigante para o campo da educação infantil: quais epistemologias orientam nossa maneira de pensar a educação das crianças? É possível descolonizar nossas práticas com as crianças e justificá-las a partir de outros saberes, a partir de outras matrizes de pensamentos e outras cosmovisões? O que aconteceria, por exemplo, se abandonássemos a noção naturalizada pelo discurso pedagógico de maturação e desenvolvimento; se abrissemos mão de justificar o que fazemos, na posição de professor e professora de educação infantil, com base na noção de faixas etárias e estágios de desenvolvimento e, ao invés disso, pensássemos em justificar nossas práticas a partir da noção de corpo-território, tal como podemos aprender com os saberes ancestrais dos povos indígenas? Essas são apenas algumas perguntas que podemos formular a partir dessa problemática, que nossa trilogia da educação infantil em debate nos permite pensar. Se levada às últimas consequências, uma leitura em conjunto das três partes dessa trilogia pode deslocar radicalmente nosso modo de ver, sentir e pensar a infância e nossa relação com as crianças.

Do ponto de vista cronológico, as contribuições amazônicas que temos agora em mãos sucedem as contribuições paulistas e as contribuições feministas contra o fim do

mundo. Compõem a última parte de nossa trilogia porque foram publicadas posteriormente às outras contribuições. Mas do ponto de vista lógico e ético-político, poderíamos pensar na anterioridade dessas contribuições, pois a epistemologia dos saberes ancestrais faz implodir a construção dos saberes coloniais, daqueles saberes que estão na base de nosso pensamento e ainda se encontram, em muitos aspectos, inabaláveis. Fazer implodir uma construção é uma tarefa de alta complexidade. Não se limita apenas ao ato de dinamitar e deitar pôr terra uma construção que durante séculos orientou e continua orientando nosso modo de ver, sentir e pensar. Se o choque com os saberes ancestrais faz implodir nossa matriz de pensamento, a questão que se coloca diante disso é o que fazer com os escombros, com os entulhos de nossos saberes coloniais. Problema análogo ao problema do que temos feito com o resto de nosso consumo da produção de mercadorias, com a questão do manejo dos resíduos sólidos que a sociedade capitalista não cessa de produzir.

Não poderíamos eleger a mesma saída que os habitantes de Leônia, uma das cidades inventada por Ítalo Calvino, em *Cidades Invisíveis*, onde a cada dia todas as coisas eram descartadas diariamente para fora do perímetro urbano para dar lugar as novas mercadorias que surgiam diariamente para substituir a obsolescência programada das velhas mercadorias. Não poderíamos fazer isso pela simples razão de que essas coisas, nossas ideias e nossos afetos, não estão fora de nós, mas nos constituem subjetivamente e nos orientam ética e politicamente no mundo que compartilhamos com as crianças. Também não poderíamos confabular com Platão e apontar para uma espécie de travessia do rio *Léthe* como saída para esquecermos os saberes coloniais. Platão inventou esse mito para sustentar não apenas sua teoria da imortalidade da alma, mas também sua epistemologia e sua teoria da verdade. Para o filósofo antigo, todo conhecimento é rememorado e, por isso, nada do que aprendemos é algo novo. Nossa alma, antes de habitar um corpo e depois de contemplar as ideias verdadeiras, imutáveis e atemporais, deveria atravessar o rio do esquecimento, o rio *Léthe*. A saída platônica para nosso problema seria a de atravessarmos o rio do esquecimento, deixando para trás nossos saberes coloniais, para contemplarmos a verdade dos saberes ancestrais.

Ocorre que ao entrar em contato e ser afetado pelos saberes ancestrais, não nos esqueceremos do saber colonial porque eles nos constituem. Não poderemos nos livrar deles, como se atravessássemos o rio *Léthe*, para rememorar esses saberes ancestrais que estiveram sempre aí. Não iremos nos purificar da peste colonial simplesmente pelo fato de que ainda pensamos com a língua do colonizador. Mas podemos certamente a

partir do choque com o pensamento e a cosmovisão dos povos indígenas, dessa implosão que põem pôr terra uma construção que parecia inabalável, inventar saberes transversais e refundar as bases de nossas pesquisas, nossas práticas e nossas formações inicial e continuada de professoras de educação infantil.

Um projeto de refundação exige um esforço teórico de longo alcance capaz de reconfigurar nossos modos de ser, dizer e agir, que implica uma nova atitude ético-política capaz de transfigurar nossa maneira de pensar a educação das crianças. Nesse sentido, essa trilogia pode nos oferecer uma contribuição fundamental para aqueles e aquelas que ousam pensar contra as figuras cristalizadas de pensamento. Se os saberes ancestrais dos povos indígenas nos permitem pensar o que até então permaneceu impensado para nós, não-indígenas, podemos na companhia desses saberes reconfigurar nosso modo de pensar e imaginar nossas pedagogias e nossos modos de relação entre adultos e crianças.

Eduardo Pereira Batista

PRÓLOGO II – Infâncias amazônicas: reflexões necessárias

As discussões em torno da temática da “Educação Infantil: contribuições amazônicas”, surge em um momento mais do que oportuno, em uma época crucial para refletirmos sobre as ameaças que pairam sobre as crianças da região e dos povos da floresta e seus saberes. Temos visto, especialmente nos últimos dois anos, o crescente desmatamento e a contínua destruição da biodiversidade na região amazônica, que têm impactado diretamente não apenas o meio ambiente, mas também as formas de vida das populações locais. Dentro deste contexto, a infância, especialmente a das crianças indígenas e ribeirinhas, é gravemente afetada, e o debate sobre suas condições de vida, educação e futuro torna-se urgente.

Na verdade, ao mesmo tempo em que vivemos em uma região onde a natureza é abundante, os recursos básicos estão, paradoxalmente, cada vez mais escassos. O descaso com os povos indígenas, frequentemente veiculado na grande mídia, é um retrato sombrio da nossa realidade. Note-se, por exemplo, o caso do genocídio silencioso das populações Yanomami, arrasadas pelo avanço desenfreado de toda sorte de invasões a suas terras e de violências infligidas por parte da ganância do “homem branco”. As crianças Yanomami, maiores vítimas dessa violência – conforme pudemos testemunhar há cerca de três anos, quando foi noticiada a invasão de garimpeiros

ilegais às suas terras –, têm sofrido com problemas de ordem variada, que vão desde a desnutrição até a falta de acesso a cuidados médicos e educação adequada.

Num quadro geral, as crianças indígenas vivem uma realidade que se agrava a cada ano. Para elas, as ameaças à vida não vêm apenas da falta de acesso a direitos, mas principalmente do já mencionado processo sistemático de violência e violação de seus territórios. Por isso, é impossível falar das infâncias amazônicas sem destacar o drama que atinge os povos indígenas, já que é nesse contexto que as crianças se tornam susceptíveis a um verdadeiro processo de genocídio, alimentado pelo garimpo e pela grilagem ilegais, bem como a desnutrição severa e a falta de políticas de saúde que respeitem suas especificidades culturais e sociais.

Mais perto de nossos olhos, estão as crianças caboclas e ribeirinhas que crescem nas margens dos rios, enfrentando desde cedo o difícil equilíbrio entre a riqueza natural e a falta de infraestrutura. As condições de vida frequentemente impõem a estas crianças trajetórias escolares interrompidas pela necessidade de ajudar suas famílias em atividades de subsistência, como a pesca e a agricultura. A escassez de escolas adequadas e a precariedade do transporte escolar são apenas algumas das barreiras que elas enfrentam para exercer o direito à educação, já que é grande a negligência em relação às suas necessidades mais fundamentais e, muitas vezes, essas crianças encontram-se sem acesso a serviços básicos que deveriam ser garantidos pelo Estado.

Efetivamente, embora serem garantidos pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente os direitos fundamentais à vida, à saúde, à alimentação e à educação, as crianças da Amazônia são frequentemente deixadas de lado, sem políticas públicas eficazes que assegurem o futuro dessas populações, que já enfrentam uma série de vulnerabilidades.

No caso específico das crianças Yanomami, o que se observa é um quadro trágico de subnutrição crônica e mortes que poderiam ser prevenidas de diversas maneiras e estratégias, se o problema fosse devidamente tratado pelas autoridades. O genocídio silencioso de uma geração indígena representa não apenas a perda de vidas, mas também o apagamento de culturas inteiras que têm muito a ensinar sobre a relação com o meio ambiente e a sustentabilidade. E é temerário que a invisibilidade dessas crianças nos debates nacionais constitua um reflexo do desinteresse pela Amazônia enquanto espaço demográfico relevante e pelos seus povos originários, que aqui habitam desde tempos milenares.

Como sociedade, não podemos aceitar que esse quadro subsista por mais tempo. O sofrimento dessas infâncias é um retrato de um Brasil que insiste em não enxergar a

Amazônia como parte essencial de seu desenvolvimento populacional. Por isso, a política educacional brasileira, historicamente centralizada, precisa ser ressignificada à luz das necessidades regionais, especialmente quando falamos de uma região tão diversa como a Amazônia, cujos protagonistas políticos e intelectuais não podem aviltar a educação e a preservação do meio ambiente, já que constituem elementos essenciais às práticas pedagógicas que venham a valorizar as contribuições amazônicas para uma educação que verdadeiramente respeite as infâncias locais e brasileiras.

Talvez nossa contribuição - como educadores, pesquisadores e cidadãos - para desconstruir esse cenário devastador sobre nossas crianças e sobre nossas populações indígenas e ribeirinhas seja realmente trazer à luz, com coragem e sabedoria, esses desafios e, assim, pressionar por mudanças estruturais.

Nessa perspectiva, é fundamental, então, concluir que, ao promover essa interlocução entre os saberes ancestrais e os campos acadêmicos, o evento "Educação Infantil em Debate: Contribuições Amazônicas" apresenta-se como um espaço de resistência e de construção de alternativas. Precisamos pensar novas formas de educar que incluam e protejam as vozes indígenas, que respeitem suas culturas e que se alinhem à preservação da Amazônia como patrimônio comum da humanidade, de modo que, por fim, nossa sociedade possa proteger e cuidar de nossas crianças, para que a própria vida seja preservada.

Que este espaço seja uma oportunidade de reflexão e ação coletiva, de modo que possamos, juntos, pensar em uma educação que valorize a diversidade, o respeito às infâncias e a preservação do meio ambiente, garantindo um futuro mais justo e sustentável para todas as crianças.

Roberto Sanches Mubarak Sobrinho

PERSONAE DRAMATIS

Adria Simone Duarte de Souza: Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA);

Ana Lúcia Goulart de Faria: Professora aposentada colaboradora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp);

Célia Aparecida Bettiol: Professora da UEA;

Evelyn Lauria Noronha: Professora aposentada da UEA;

Fabiana Oliveira Canavieira: Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Olivia Pires Coelho: Doutora em Educação pela Unicamp;

Roberto Sanches Mubarac Sobrinho: Professor e Pró-Reitor da UEA;

Vanderlete Pereira da Silva: professora da UEA

ATO I – ABREM-SE AS CORTINAS

Roberto: Bom dia a todas, bom dia a todos! Eu sou o professor Roberto Sanches Mubarac Sobrinho, sou professor da Universidade do Estado do Amazonas, sou professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, e a Universidade, o Programa de Pós-Graduação em Educação, eles têm um programa de pesquisador visitante, e neste programa de pesquisador visitante, nós convidamos, no final do ano passado, ainda na realização da ANPEd, que aconteceu aqui em Manaus, eu e a professora Vanderlete Pereira da Silva, convidamos a professora Ana Lúcia Goulart de Faria. Agora, no meio do ano, quando a UEA teve a disponibilidade de fazer a chamada de ter uma bolsa de pesquisador visitante, eu entrei em contato com a professora Ana Lúcia, e a professora Ana participou, se inscreveu no processo seletivo, e nós a chamamos para ser pesquisadora visitante do nosso Programa de Pós-Graduação em Educação. Então, eu gostaria, primeiro, de agradecer a professora Ana, que já é, como ela disse, uma amiga, uma conhecida de algum tempo. Eu conheci Ana Lúcia, nós nos conhecemos na ANPEd, então já faz aí um bom tempo... Eu fazia doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina e fui à ANPEd, quando ainda era em Caxambú, apresentar o trabalho, e na apresentação do trabalho, eu tive o meu primeiro contato com a Ana Lúcia. Mas a Ana já tem uma história conosco aqui no Amazonas, já estive aqui num congresso que nós realizamos, no curso de pedagogia, discutindo sobre a infância, sobre a formação

de professores de educação infantil. Então já é uma pessoa que tem uma relação muito próxima com a gente aqui da Amazônia, e a Ana Lúcia vai explicar melhor a dinâmica desse evento. Mas quero dizer apenas que esse é um evento em sequência, é um evento que tem três movimentos, um já aconteceu, são as contribuições paulistas¹, que inclusive já está publicada, a Ana vai detalhar melhor, tem um outro que é as contribuições feministas contra o fim do mundo², e a gente está realizando aqui as contribuições amazônicas. Então esse é um debate para a gente trazer essas perspectivas de infâncias sobre diversos prismas, e aqui a gente tem pessoas muito especiais que vão participar conosco desse debate. Quero dar um bom dia à professora Célia Betiol, minha colega da Universidade de Estado do Amazonas, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, professora Adria Simone também, minha colega da Universidade do Estado do Amazonas, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, um bom dia muito, muito especial e carinhoso à professora Everlyn Lauria, e aí eu posso dizer também que minha colega é de mais de anos, eu conheci a Everlyn ainda quando a gente estava lá no mestrado, na UFAM, então já se vão muitos anos. Everlyn foi nossa professora, é nossa professora, ela se aposentou, mas continua com esse vínculo com a universidade, apesar dela correr da gente, mas a gente traz sempre ela para estar conosco, então seja bem-vinda, Everlyn, você com certeza faz parte da história da nossa universidade. Quero agradecer a professora Fabiana, que está aqui também presente conosco, aceitou esse convite para participar desse momento especial, quero agradecer a professora Olivia, que tem essa relação forte também conosco e também aceitou esse convite, também quero fazer um agradecimento forte à minha colega, amiga também, de muitos anos, professora Vanderlete, também deve ter uns anos ou mais que eu a conheço. Eu conheci a Vanderlete quando cheguei aqui em Manaus, então foi uma das primeiras pessoas que conheci aqui quando cheguei, então a gente trabalhava em escolas de educação infantil. Eu e Vanderlete nos conhecemos como pedagogos, trabalhando com as crianças na educação infantil, e hoje somos professores da UEA. A Vanderlete é a nossa coordenadora do curso de pedagogia e minha parceira de pesquisa, temos projetos de pesquisa junto, agora vamos enveredar em outro campo, tentando trabalhar também com a extensão. Estamos com o projeto de criar o Observatório das Infâncias Amazônicas, aliás o projeto já está em processo de criação, para que em breve

¹ Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/99375/55884>

² Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/104053/58287>

possamos inaugurar as atividades do Observatório das Infâncias Amazônicas. Quero agradecer ainda a todos os alunos de mestrado, das licenciaturas, os convidados, o grupo de pesquisa, com certeza a Ana Lúcia, também estender meu agradecimento aos colegas da Unicamp, de outras instituições que estão aqui presentes. Como parte da programação, Larissa, você pode passar por gentileza o slide da minha fala, que vai ser em relação ao livro, a gente tem essa programação, é uma discussão, é uma live para que a gente possa debater sobre essas contribuições das Infâncias Amazônicas, e a gente aproveitou esse momento tão especial, essa manhã de sábado, em que nós estamos aqui reunidos, para a Ana, essa tarde de sábado, para que a gente também fizesse o lançamento deste livro. Nós também, como fruto dessa parceria entre a Ana, o Programa de Pós-Graduação em Educação, e eu, como orientador, não sei se posso dizer assim, supervisor da pesquisa da Ana Lúcia como pesquisadora visitante na UEA, a gente estabeleceu um plano de trabalho, e trabalhar com a professora Ana Lúcia é muito, muito fácil, porque a Ana tem uma energia a mil. Ela sempre traz novidades. Ana Lúcia, de fato, é aquela pessoa que, para trabalhar, a gente nunca vai encontrar dificuldade, porque ela sempre está trazendo muitas coisas. E com a Ana, nós iniciamos agora, recentemente, no mês de abril, não é Ana? O processo de pesquisador visitante, e nós já estamos hoje lançando o primeiro livro fruto dessa parceria. Larissa, não está aparecendo a projeção, ou está? Vocês estão vendo a tela?

Célia: Não!

Fabiana: Para mim parece congelada!

Vanderlete: É, aparece congelada a tela. Só um momento.

Roberto: Então é dessa parceria que a gente fez...

Ana Lúcia: Escuta, a Vanderlete não está aqui? Está aparecendo agora?

Roberto: Está sim, Ana.

Vanderlete: Estou, Ana, estou sim! Acho que não está aparecendo para você.

Ana Lúcia: Agora você está aparecendo, antes você não estava. Você não estava, por isso que eu falei, achei que você tinha entrado em um outro link, beleza então! Então, queria falar que, olha, a Vanderlete aqui, gente, que a gente apresentou todo mundo.

Roberto: Eu já a apresentei também.

Ana Lúcia: A intenção da live, o Roberto e a Vanderlete, pronto!

Roberto: A gente não está conseguindo ver, Larissa, a projeção.

Larissa: Estou verificando para ver se ela está no link

Roberto: Então, nesse processo, só para a gente explicar um pouquinho, enquanto a Larissa bota o slide aqui, a gente fez um plano de trabalho, eu e a Ana, e nessa proposta de trabalho surgiu esse livro que a gente vai lançar hoje. Dentro desse livro que a gente vai apresentar neste encontro, o que também vai gerar uma publicação, como a Ana vai explicar mais detalhadamente, em seguida, e um conjunto de outras ações que a gente vai desenvolver, que Ana também deve falar um pouquinho. E também a gente vai fazer um congresso³, né?, Ana, que vai acontecer em outubro, que vai ser bem interessante. Mas eu vou falar deste livro que vocês estão vendo aí e que está disponível gratuitamente para *download*. O livro se chama "O direito das crianças a ter direitos infâncias e políticas para educação das crianças". É um livro que está apenas em formato digital no site da editora Pedro & João, é um *ebook* de distribuição gratuita. A gente fez questão de ser um livro de circulação gratuita, é um livro que estivesse disponível para todas as pessoas. E a gente botou aqui o link e vamos pedir para que a Larissa coloque o link no chat para que todos os participantes possam ter acesso. Nós vamos fazer esta divulgação ampla, a partir de hoje em todas as redes sociais. É um livro que foi organizado por mim e pela professora Ana Lúcia. Ana é professora da UNICAMP, professora aposentada da UNICAMP, e como eu já disse a gente tem esta parceria e por meio deste trabalho conjunto, dentro do projeto Pesquisador Visitante, a gente começa agora, a partir deste encontro, a elaborar um

³ As rodas de conversa que compuseram o *IV Seminário Internacional Infâncias e Pós Colonialismo: Saberes transversais e interlocuções com povos indígenas* estão disponíveis no canal da UEAmazonas, no Youtube. Ver <https://www.youtube.com/@ueamazonas8482>

segundo produto, e desta segunda produção, lembrando que a primeira já a publicação das contribuições paulistas, na revista Zero-a-Seis, que é revista da Universidade Federal de Santa Catarina. Voltando ao livro, que a gente está trazendo agora. Este livro tem um prefácio da Bianca Corrêa, a Ana vai falar alguns detalhes depois. Em relação ao livro ele tem oito capítulos. É um livro que discute os direitos das crianças e a ausência destes que, na maioria das vezes, os direitos estão postos, mas não são efetivados. A gente no Brasil tem uma legislação farta. Os direitos das crianças, desde a aprovação da Constituição de 1988, vêm se robustecendo ao longo destes anos, mas o que a gente percebe é pouca efetividade destas legislações e das políticas públicas para o atendimento e melhoria das condições de vida das crianças. E a gente vai verificar que isto impacta muito mais ainda as crianças negras, as crianças pobres, as crianças indígenas. Então estas crianças são ainda mais impactadas pela ausência de política pública, ainda que estes direitos estejam postos. O livro faz uma discussão em torno deste tema, versa sobre esta questão do direito à ter direito, os direitos existem, mas na prática estes direitos, na maioria das vezes, não são efetivados, porque não existem condições, não são criadas as condições para que estes direitos sejam efetivados. Então a gente tem aqui a contribuição de autoras e autores, que compõem os capítulos deste livro e um posfácio belíssimo, né?, Ana, um posfácio que fala sobre a questão das violências contra as crianças, que é algo extremamente importante. Então a gente fica muito feliz em entregar, em apresentar à sociedade brasileira este livro, porque é uma contribuição crítica e a gente não abre mão disso, de fazer uma leitura crítica e uma análise crítica sobre o ponto de vista dos direitos. A gente fez, eu e Evelyn, um mergulho inverso, nós depois de doutores resolvemos voltar para os bancos da universidade e fizemos o curso de direito, tanto eu quanto Evelyn, e discutimos os direitos da infância e o direito das crianças dentro das nossas monografias no curso de direito. E é muito interessante quando a gente olha sobre o ponto de vista de quem é da área do direito, como o olhar do direito é extremamente apático ou extremamente enviesado, porque para eles, o direito está posto e o direito está perfeito da forma como está. E é muito bom quando a gente tem este olhar de fora, a Evelyn que é uma filósofa, que fez um doutorado lá no estudo da criança, todo este processo de discussão com outros autores. Eu que venho da área da educação, da pedagogia é muito legal a gente trazer estas contribuições para a sociedade brasileira. Então a gente espera com este livro, não é Ana?, primeiro, agradecer as autoras e aos autores que se prontificaram a escrever sobre esse tema. Nós encaminhamos o convite e prontamente os autores e as autoras se prontificaram, e hoje, depois de muito trabalho, a gente

apresenta para a sociedade brasileira o resultado deste projeto. E acima de tudo, o que foi uma de nossas preocupações na elaboração desse livro, é que ele não fosse pago, que não fosse cobrado. É um livro de circulação gratuita e à disposição de todas as pessoas que tenham interesse pelo assunto. Então era isto, eu acho que agora a Ana pode complementar alguma questão, e eu vou ficar na sala, embora eu tivesse marcado há algum tempo alguns exames, mas eu vou ficar na sala. Vou fazer o exame com um fone, acompanhando tá bom?, mas eu continuo aqui até às 10h, que a hora do meu exame. Eu continuo aqui para a gente discutir. É com você Ana... Ah! só queria antes de passar para a Ana também agradecer e dizer que este é um livro que também está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Nós tivemos o apoio da CAPES e da FAPEAM, a coordenação do pessoal do nível superior contribuiu neste processo, junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas, então nós tivemos muito apoio, pois são as instituições que financiam sempre porque são as instituições que financiam nosso Programa de Pós-Praduação, que conta com o financiamento da CAPES, da FAPEAM e da UEA. Então é importante que a gente sempre destaque nessas produções o apoio que a gente tem destas agências, porque estas agências contribuem muitíssimo para o desenvolvimento do nosso programa, que é um programa novo para as colegas que estão entrando aqui. A gente aprovou este programa recentemente. A ideia era ter começado antes, mas com a pandemia a gente não conseguiu. Então o programa é bem novinho, vai passar pelo seu primeiro quadrienal, mas é um programa que tem muita potência, muita vontade de fazer a diferença aqui na nossa região. Então muito obrigado e, agora, é com você, Ana Lúcia!

Ana Lúcia: O pessoal que está me perguntando aqui para entrar. Vocês entraram pelo link? Tem alguém aqui que entrou pelo link do card que está em PDF? Alguém aqui entrou? Entrou naquele link que eu mandei? O pessoal que está me ouvindo aqui. Porque tem gente me perguntando como entrar, estão com dificuldade para entrar no link do card que está no PDF. Por isso, eu estou perguntando.

Jéssica: Ana, bom dia! É Jéssica. Eu tive que fazer duas vezes porque não estava conseguindo entrar, mesmo com o preenchimento do formulário. Preenchi novamente agora, e só então que consegui entrar, porque não estava conseguindo entrar antes. Só para informar, tá?

Ana Lúcia: Entrou direitinho no que eu mandei somente ontem à noite.

Jéssica: Isso.

Ana Lúcia: O card em PDF, né? Que era só para clicar ali, né?

Jéssica: Sim

Ana Lúcia: Mesmo assim teve dificuldade, é isso?

Roberto: Ela teve dificuldade na ficha de inscrição. A ficha estava com problema, mas nós corrigimos depois, Ana.

Jéssica: É isso. Eu me inscrevi ontem, aí tentei entrar hoje e não dava. Não dava. Aí tive a ideia de novamente me inscrever e clicar e agora conseguir entrar. É isso. Só para avisar, tá? Bom dia para todo mundo.

Roberto: Nós já temos mais de 30 pessoas, Ana.

Ana Lúcia: É, muita gente, muito bom! Escuta, eu só vou complementar um pouco da fala sobre o lançamento que o Roberto abriu para nós, que é justamente a questão do posfácio. Esse posfácio ele é uma parte, depois vocês podem entrar na internet e vocês conseguem ler em inglês o texto todo que a autora da Píppi Meia Longa, que tem traduzido no Brasil. Ela é uma sueca e aqui os livros da Píppi Meia Longa tem até para bebê. Aqueles livros de capa dura que tem três páginas só aquelas páginas de papelão – assim, bem grossas. No Brasil tem só história que a professora tem que ler e contar para as crianças. Aqui [na Suécia] não. É toda uma coleção, tem uma cidade aqui da Píppi, que pode fazer turismo, visitar e tem a boneca para comprar de todo tamanho de todo jeito. É um ícone super importante porque é anti-adultocêntrico, usando uma expressão que nós temos usado nas nossas pesquisas. Nós não somos só antirracistas e antissexistas e antielitistas, né? A gente também é anti-adultocêntrico e uma educação das crianças, vocês vão ver aí no livro, vários autores e autoras vão, na verdade, eu acho que a maioria é mulher, o Alexandre e o Eduardo só. Bem, então vocês vão ver que a Astrid lá naquele tempo, quando ela escreveu o discurso para receber um prêmio da Paz dos livreiros alemães, quando ela ganhou esse prêmio, ela foi convidada para premiação e fez esse discurso que a gente trouxe uma parte no

nosso posfácio. Ela então diz isso que não é para as crianças seguirem os adultos, ela fala exatamente isso não é para as crianças seguirem os adultos. Olha o mundo, o horror que está com um monte de criança obediente, as crianças devem seguir os adultos só quando eles explicarem o porquê. Pois não adianta dizer que eu sou adulto e pronto! Eles têm que justificar. E aí conforme ela mandou esse discurso e falou que ia falar isso eles disseram: Ah! não você não pode falar isso. Ela era a primeira autora de literatura infantil que ganhava o prêmio, era a primeira mulher também, aí ela respondeu: Tá bom, então eu não vou. Ah! não, então tá bom, pode falar vocês o que quiserem. Então finalmente foi publicado e eu tenho orgulho de ter publicado um trecho desse discurso em nosso posfácio. Eu entrei em contato para saber se podia publicar e aí eles têm uma empresa que cuida dos direitos autorais dela, porque é uma obra está traduzida em todas as línguas. Então a gente pegou o que estava na internet, não pagamos só pegamos o que estava na internet, mas aí vocês depois podem ver e a gente coroa então, vamos dizer assim, já que aqui é uma monarquia, aqui, na Suécia, a gente coroa o nosso livro priorizando, vamos dizer assim, né?, porque ela nem tá falando antirracista, ela não tá falando isso, ela tá falando mesmo para as crianças se protegerem dos adultos. Esse livro é bem especial, como eu falei tem um artigo inclusive da própria Fabiana que tá aqui com a gente hoje e tem um artigo do Roberto que foi o texto que ele apresentou na semana passada, quando ele fez o concurso de livre docente, que é um texto de pesquisa lá da graduação em direito, que foi o TCC dele. Eu também queria agradecer muito ele, que fez essa gentileza, essa generosidade dele de colocar esse texto aqui no nosso livro e aí nós temos uma novidade não é muito comum, na nossa área da educação, a gente trabalhar com o pessoal do direito, justamente esse livro pega bem legal na questão do direito. A gente tem a Bárbara, a gente tem a Crisley, que trabalha na Fundação Vladimir Herzog de Direitos Humanos, a gente tem o Alexandre que é advogado daquele movimento Somos Todas Professoras, eu não sei se tem aí, eu acho que não, se tem aí no Amazonas uma extensão desse movimento. Se não tiver, precisava puxar o grupo pra aí, agora que vocês tem o artigo do Alexandre, eu acho que seria legal pedir para o pessoal do Somos Todas Professoras articular algo com vocês. E então temos várias universidades aí envolvidas a Ana Elisa também é do direito da Unicamp. O Eduardo é professor de creche de Vinhedo. Vocês viram onde caiu aquele avião gente? Foi bem perto da creche onde o Eduardo trabalha, aquele acidente terrível que morreu todo mundo, foi uma coisa bem chata que aconteceu, mais uma coisa horrível, dentre tantas coisas ruins que estão acontecendo. E como se não bastasse tudo que a gente está vivendo, vai acontecer bem essa. Mas

então o Eduardo também escreveu um texto, ele que é professor de creche em Vinhedo. E no prefácio da Bianca Correia Bianca, uma professora da USP de Ribeirão Preto, ela trabalha com um documento que traz dados recentes da discriminação da infância. É uma coisa impressionante como ainda hoje a infância é negligenciada em várias pesquisas, em vários programas então nesse livro que tem oito capítulos a gente conseguiu trazer a infância sempre protagonista. O prefácio da Bianca foi intitulado "Infâncias e políticas para a educação das crianças". Então era isso que eu queria complementar. Estou muito contente com o livro, e essa capa também ficou muito bonita. João Pedro é bem caprichoso, tem feito vários livros meus de São Paulo. Ele é da cidade de São Carlos, que é o editor, e eu quero dizer que o apoio financeiro do livro foi dado pelo Roberto pela UEA. O Roberto é pró-reitor de pesquisa da universidade e tem colaborado bastante. Esse convite foi um convite que você ficou me elogiando, aí que eu sou animada e estou plugada em 220 volts e tal. Eu sou mesmo só que eu era bem mais, viu?, porque agora eu estou velha. Nossa! Eu estou com tanta raiva disso, vocês viram uma charginha, bonitinha uma foto de um fusquinha, super brilhante, bem bonitinho, dizendo que "o que importa não é o ano de fabricação é o estado de conservação", então eu peguei e vesti essa carapuça que a situação aqui está meio grave, porque eu fico muita cansada. A sorte é que, com as telas, eu vou me virando e acho que dá para enganar o Roberto, que acha que eu continuo a mesma. Tem uma palavra super simpática para dizer isso em sueco que é pigg, P-I-G-G, então se o meu médico me chamou de pigg, Roberto eu vou dizer que eu tenho que agradecer o seu convite e o seu elogio e quero também te elogiar que, como pró-reitor, que já trabalha mais do que o pesquisador professor, porque acumula as duas funções. A Vanderlete também trabalha muito, vocês todos trabalham muito. Imagino que a Célia também, a Adria também, toda a universidade, nós estamos assim a mil por hora, mesmo todo mundo com muita demanda e ainda mais que depois desses quatro anos passados, que todo mundo correu o risco de sumir do mapa. Então Roberto, você além de trabalhar muito, como pró-reitor, ainda tem feito esse alavancado, esses conjuntos de coisas interessantes. Então esse convite que você faz para mim, fica mais fácil, vamos dizer assim, de continuar trabalhando a mil por hora. Olha, a Célia aí, parabenizando no chat, eu não sei fazer esse negocinho, depois eu preciso aprender, essas coisas que sobem aqui na tela né? E aí, então, viu?, Roberto, eu também gosto muito de trabalhar com você, está tudo assim muito organizado com você colocando à disposição os serviços da universidade, seja na questão financeira, seja na questão administrativa, então também vou dizer que não é fácil, mas entre a minha animação e a disposição que você

coloca para o convite que você me faz, eu acho que dá uma boa parceria mesmo, bem gostosa e fico bem contente de estar aqui com vocês. Vamos passar então agora para as *lives*. Talvez a gente já tenha passado um pouco do horário. A gente começou com o lançamento do livro que surgiu dessa parceria entre a Unicamp, onde eu fui professora e, agora, como pesquisadora visitante da UEA. Por enquanto, estou trabalhando aqui da Suécia, mas eu vou viajar em outubro e estarei com vocês alguns dias aí em Manaus. E como Roberto já disse, eu e a Vanderlete já fizemos o primeiro, o segundo, o terceiro seminário internacional de infância e pós-colonialismo. E o quarto vai ser em Manaus, em outubro desse ano [2024], já podem marcar na agenda, porque ele vai ser híbrido quem mora longe, vai poder ver na tela, mas vocês do Amazonas estarão presentes lá com a gente, eu estarei também. Então as *lives* funcionam assim: nós fizemos três conjuntos, três mesas, vamos dizer assim, três *lives* para serem publicadas na sessão Outras Linguagens, da revista Zero-a-Seis, então não é igual a um artigo que vai buscar uma área de interesse e tal. Essa seção da revista, as outras linguagens, permite justamente a publicação de um discurso que foi falado, que vai ser transcrito para ser publicado. A própria editora, a Márcia Buss, e a sua equipe da revista que vai avaliar e decidir então quais falas entrarão na revista. Em todo caso, vocês já vão encontrar no último número da revista Zero-a-Seis, o dossiê, digamos assim, que foi publicado na seção Outras Linguagens, as nossas Contribuições Paulistas, que foi a discussão que tivemos na Assembleia do Fórum Paulista de Educação Infantil – FPEI, uma discussão que foi feita, gravada, transcrita, revisada pelas pessoas e saiu a publicação, então, essa discussão toda vocês podem conferir na revista Zero-a-Seis. E agora teremos as Contribuições Feministas, que já foi gravada em julho, lá no Fazendo Gênero, em Santa Catarina, com a Jules Falquet. A Jules Falquet é uma francesa da Universidade de Sorbonne, que fala português, que morou no México e também conhece bem o Brasil, esteve várias vezes no Brasil. Então, ela que vai trazer uma contribuição nesse dossiê. Além da Jules, temos ainda a Bárbara, que é uma do Movimento Olga-Benário. Não sei se vocês já ouviram falar dela? É um movimento que está crescendo bastante no Brasil. O Movimento Olga-Benário ocupa casas abandonadas e faz a casa ser um ponto de acolhimento das mulheres que são violentadas pelos maridos. Então, tem essa contribuição, essa discussão, ali no Fazendo Gênero, e ela estará nas Contribuições Feministas para Educação Infantil. E nós aqui, nas Contribuições Amazonas, continuaremos essa discussão, que não acaba aqui, tá bom? Então, eu vou fazer o seguinte, gente, eu vou passar a palavra para nossa primeira convidada. Vocês querem fazer na ordem que tá no cartaz? Alguém quer propor uma outra ordem? Às vezes no

cartaz, a vantagem é seguir que se alguém não pode vir, mas pode vir só naquela hora, né? Então, a gente vai começar com a professora da UEA, a Célia Bretiol, e aí eu vou fazer o seguinte: quando der vinte minutos, eu vou avisar, mas vocês têm trinta e se passar um pouquinho não tem problema. Diminui um pouco o tempo de debate que a gente não gostaria, mas às vezes você tá terminando ali a ideia e precisa de um pouco mais de tempo. Então, nós vamos fazer a Célia e depois nós vamos fazer a Olívia Coelho, que eu escrevi UNICAMP aqui Olívia, porque eu não sabia em que instituição você está vinculada agora. Eu sei que você fez o doutorado com o Silvio Galo, então, é por isso que eu coloquei UNICAMP no cartaz. A Fabiana, da Federal do Maranhão, e depois, por último, a Evelyn Lauria, que eu coloquei também como sendo da UEA. Tá certo? Então, aqui nas contribuições amazônicas, temos contribuições da UEA, da UNICAMP e da UFMA. Por último, antes de começar, quero lembrar que a certificação é automática. É preciso fazer a inscrição, depois vocês vão entrar lá no site para pegar o certificado. Então gente, muito obrigado, daremos início às nove e trinta e nove, então vamos falar, nove e quarenta, daqui vinte minutos, às dez horas, Célia, eu vou te avisar, tá certo? E aí você controla o resto do tempo, tá bom? E aí depois vamos passar, então, pra Olívia Você achou o chato ficar por último, Evelyn? Quer trocar com alguém? Não? Porque foi uma coisa assim, aleatória, sabe? Você viu? Não tá nem alfabética, nem sei, né, Roberto? Na hora de fazer o quadrado, foi aleatório e ficou assim. Então tá! Olha, gente, é uma grande alegria estar aqui com vocês, seja porque eu estou aqui, tá certo que aqui é verão, né? Então tudo é diferente, não é aquele frio danado, mas também não é esse calorão de vocês aí de Manaus. Nem o de Campinas, né, Jéssica? Que não sei se anda quente aí, mas normalmente é muito quente. Então, está aqui, Célia, faço a palavra para você Roberto, você fica à vontade de ficar mais um pouco aí com a gente, talvez até em cima do que a Célia estiver falando, enquanto você estiver aí, e se quiser colocar alguma pergunta no chat, o chat está ativado.

Célia: Podemos, então, Ana?

Ana Lúcia: Podemos, Célia, você tem a palavra aí, eu vou te avisar quando for dez horas.

Célia: Tá bom, obrigada. Quem tá aí no apoio para os slides, poderia colocar, por favor?

Ana Lúcia: Então, assim, não tem ninguém no apoio para os slides, Célia. Não tem ninguém no apoio para os slides Ah, Larissa, tá ajudando? Ótimo!

Célia: Bom, então, bom dia, né? Agradeço inicialmente ao professor Roberto, a professora Ana Lúcia pelo convite para estar aqui dialogando sobre esse tema tão importante, educação infantil em debate, contribuições amazônicas. Quero cumprimentar, assim, de forma muito prazerosa e alegre também a Olívia, a Fabiana e a Evelyn, que partilham conosco desse diálogo Cumprimento a todos os colegas, as colegas que estão aí acompanhando a gente também, online, né? E a Adria, a minha amiga, parceira, professora aqui da UEA, também, de tanto tempo, e que divide essa apresentação comigo, por conta, assim, do que a gente vai trabalhar aqui, do que a gente vai apresentar, é um trabalho de parceria, né, de escuta e de reflexão, tecida coletivamente Ah, depois a Adria vai falar um pouco disso, mas então vou dizer, eu sou a professora Célia Aparecida Bettiol, e aqui, professora da Universidade do Estado do Amazonas, junto com a Adria e outros colegas, nós compomos o grupo de estudos e pesquisas em educação escolar indígena e etnografia, no programa de pós-graduação em educação, eu estou vinculada à linha , que é a que trata de educação, culturas e saberes, e junto com a professora Adria, professor Mauro, Maria Clara, Jeviane, enfim, outras pessoas aí, compomos a coordenação do núcleo de educação escolar indígena aqui da Escola Normal Superior, no Amazonas Então, assim, é um prazer muito grande estar aqui com vocês, quero dizer isso, faço questão de registrar, dizer, assim, para a Ana Lúcia, eu sei que isso não faz parte da fala, mas eu queria registrar aqui, Ana Lúcia, o prazer tão grande que é ter você como professora visitante no nosso PPGED É, assim, uma alegria, e eu até estou comentando com o Roberto, que eu fico passada com a tua disposição, a tua energia, né, que contagia a gente nesse movimento, de pensar e fazer educação aqui no Amazonas, tá bom? Então, assim, você é muito bem-vinda entre nós, sempre foi e já estive conosco aqui em outros momentos, e é uma alegria estar aqui com você. Agradeço muito o convite e vou passar para a Adria, para ela fazer a apresentação dela, e a gente segue a apresentação a partir disso.

Adria: Então, bom dia a todos, todas e todes, eu queria agradecer e também dizer que daquela primeira vez que a Ana Lúcia esteve aqui, pro Encontro de Educação Infantil, eu tava coordenando as turmas lá em Maués e Manicoré, e junto com a Vanderlete, a gente foi recebida por esse encontro aí, Macunaímico, como ela trazia as ideias e foi muito maravilhoso. Então, para iniciar nossa fala, eu sou a Adria Simone

Duarte de Souza, eu sou professora da Universidade do Amazonas, juntamente com a Célia, com o Roberto, com a Evelyn, com a Vanderlete, com mil colegas aí que estão por aqui, acho que a Meire tá por aqui, a Carolina e outros que eu não tô conseguindo visualizar. Nós fazemos parte do grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e do programa de Pós-Graduação em Educação da UEA, pode passar. Para construir essa nossa, passar aí para segundo encontro, para construir então nossa escrita aí, autobiográfica, o que está presente aí nesse segundo slide. Tá aparecendo? Para mim não tá aparecendo, mas eu já vou falando, né, para mostrar então de onde que a gente partiu aqui para nossa escrita, a gente vai, para essa nossa fala, vou fazer, trazer, né, que essa dimensão é de uma escrita autobiográfica, e para fazer essa escrita, para retomar, nós nos permitimos revisitar os arquivos fotográficos que compõem o acervo do Núcleo de Educação Escolar Indígena, e aí nessas múltiplas miragens, de escrita com luz, já que fotografar é isso, é a gente escrever com luz, o que saltou muito, aos nossos olhos, ao meu e da Célia, é que tal qual os encontros dos rios da Amazônia, que a gente traz aqui nesse encontro virtual, nós articulamos a nossa experiência de duas pedagogas, a primeira, eu, nascida e criada, em dois estados da Amazônia, que é o Pará e o Amazonas e como eu coloquei, na minha tese, me auto intitulo herdeira, da teoria crítica, e a partir das aproximações com os estudos curriculares, me aproximei das abordagens pós-estruturais e pós-coloniais, advindas dos meus estudos de doutoramento, que foram no Proped/UERJ, orientado pela professora, Elizabeth Macedo. A outra pedagoga que tá aparecendo, ela vive essa experiência de fronteira também junto comigo, já que ela nasceu fora do estado do Amazonas, mas ela, como muitos professores indígenas e lideranças indígenas falam, ela foi adotada por esses estados, e pelos seus múltiplos habitantes, como uma amazonense raiz. Formadora e conhecedora dessa particular geografia amazônica. Ela também é tributária, da teoria crítica, de projetos de educação intercultural e decolonial. A Célia, ela ama tanto e é tão amada pela Amazônia que fundou o matriarcado dela lá na Terra das Cachoeiras, o Zé Lucas nasceu em Presidente Figueiredo, na Terra das Cachoeiras. As duas, renascidas e recriadas em contextos amazônicos, atravessadas por recordações, apegos, múltiplos pertencimentos. Nós alicerçamos, como a gente costuma dizer para os nossos alunos do PPGED, as nossas perturbações nas experiências de formação de professores indígenas, tanto da experiência advinda do Alto Solimões, quanto do Vale do Javari, nas regiões, nesses territórios etnoeducacionais que nos acolheram e para qual nós nos mobilizamos na tentativa de adiar o fim do mundo, em que vivemos como bem nos lembra o pensador e imortal Ailton Krenak É desse ponto, então, que nós

partimos para pensar quais seriam as contribuições amazônicas, para pensar a educação infantil e a partir de qual no dia de hoje situamos o nosso diálogo que a Célia vai dar continuidade.

Roberto: Tá sem áudio.

Célia: Pode passar o slide, Larissa, por favor? Isso Agora que eu tô vendo que tá meio fraquinha a letra, mas tudo bem. Então, assim, de onde que a gente situa esse nosso diálogo? Eu e a Adria pensamos dentre tantas experiências, tantas questões, tantas vivências com crianças que a gente tem a partir dos nossos cursos, a partir das vivências com os povos indígenas, onde nós situaríamos, né, o nosso diálogo. Então, nesse sentido, a nossa apresentação, a nossa fala aqui, ela opera a partir de dois elementos importantes, de dois pontos, que nos marcam teoricamente, nessa discussão sobre crianças indígenas. O primeiro elemento que nós vamos trazer aí, essa primeira discussão teórica, né, a gente considerou que fosse muito importante a gente ouvir de uma mulher indígena o que ela pensa sobre crianças, como ela entende essa questão da educação de crianças. E aí, então, a gente tem a contribuição da Rosilene Fonseca Pereira, que é a Rosy Waikon A Rosy Waikon defendeu a tese de doutorado dela, que trata dos "Cuidados na criação de gente, habilidade, saberes importantes para viver no alto Rio Negro" Então, ela se autodenomina Rosy Waikon, né, porque é o povo dela, ela é do povo Piratapuia, que é do território do alto Rio Negro, e então ela vai discutir aí as questões da infância a partir da sua tese de doutorado que ela fez em Santa Catarina, com a orientação da Antonella Tassinari. Então, a gente depois vai voltar em alguma questão dela, né. Um outro ponto que a gente parte teoricamente é de um pesquisador que não é indígena, mas que é amazonense, né, que é da UEA e que talvez dentro da UEA tenha sido o primeiro pesquisador nessa área de infâncias indígenas, que é o professor Roberto Mbarac Sobrinho, a partir daquilo, do livro que vem da tese dele, "Vozes Infantis Indígenas", que é muito lido, né, muito citado aqui dentro da Universidade do Estado do Amazonas. E aí, então, o segundo elemento, nós trazemos essa experiência da discussão de crianças e infâncias e educação infantil a partir da formação de professores indígenas, pedagogos nos cursos de pedagogia intercultural indígena. Então, aqui a gente trabalha essa vinculação do pensamento indígena a uma mulher indígena que é doutora e que discute sobre isso e de um pesquisador não indígena, mas que também discute sobre essa questão. Então, da nossa prática e, vamos dizer, das nossas vivências e experiências no contato com esses professores,

com esses diferentes povos indígenas, né, com essas diferentes crianças que estão o tempo todo, vamos dizer, atravessando e nos atravessando nesses cursos de formação, porque elas estão sempre presentes com os pais, com as mães, mas também nas atividades que a gente faz, né, de inserção, de imersão nas comunidades indígenas. Pode passar, por favor, Larissa. E aí, então, entrando aí um pouco naquilo que a Rosilene, ela trabalha, a Rosy, Waikon, na sua tese de doutoramento, que é essa questão dos cuidados na criação de gente. Essa tese dela é uma continuidade do mestrado, a dissertação de mestrado ela defendeu aqui na UFAM, é uma dissertação também bem interessante, o foco dela é as crianças indígenas, então as crianças do povo dela. E aqui eu considero importante a gente demarcar, acho que isso é de conhecimento geral, mas é importante a gente situar que as populações indígenas, né, aqui no estado do Amazonas, nós somos o estado que abriga o maior número de habitantes indígenas e o maior número de populações indígenas e o maior número de línguas faladas, e então, assim, a gente tem que inicialmente romper essa ideia do indígena generalista, às vezes quando a gente fala, ah, trabalhamos com formação de professores indígenas, aí as pessoas acham que a gente é sempre a mesma coisa, pra todo mundo a mesma coisa não, né, assim, como todos os grupos, os povos indígenas, eles têm culturas específicas, falam uma língua específica, têm tradições específicas e modos, né, de educação específicos também, embora a gente tenha muitas semelhanças e aproximações, sobretudo no que diz respeito ao trabalho comunitário, ao fazer comunitário, seja nas atividades de construção e de produção da existência, mas também da educação. E é nesse fazer comunitário, que os povos indígenas, então, buscam aquilo que eles vão chamar de o seu bem viver, que é o bem estar, o bem viver é um bem viver pensado a partir do território, né, para todos que compõem esse território, seja humanos e não humanos, porque essa relação do humano com o seu território e com os não humanos que estão nesse território é que se constrói o bem viver e a criança está plenamente inserida, então, nesse contexto, nesse território, nessa construção desse bem viver que é coletivo. E a Rosy Waikon, ela vai falar disso, ela cita, e aqui são citações que eu retirei da tese dela, e ela vai dizer que “a convivência dessas crianças indígenas com os pais e as temporadas com as avós, então, isso não se restringe só aos pais, mas também aos avós, né, e os outros membros de parentesco são fundamentais”, fundamentais para essa, o que ela vai chamar criação de gente, essa educação, enfim, essa formação do indígena, e aí ela pensa especificamente a criança indígena e ela vai dizer que, então, “as diversas formas de contato com o mundo não indígena, esses contatos, eles são analisados e trazem reflexões sobre como a

criança aprende e como faz interlocuções junto às famílias indígenas”, então, isso, para a gente, é muito importante Quando a gente vai pensar, por exemplo, a questão da educação escolar indígena, porque essa educação escolar, ela não é uma invenção indígena, ela é uma invenção da sociedade ocidental, mas que hoje ela é reivindicada e ressignificada pelos povos indígenas como instrumento de resistência, né, para os seus modos próprios, para os seus fazeres, para as suas tradições e para as suas culturas A Rosi também vai trazer aqui na tese dela uma questão que é interessante, que ela fala dessa questão dos cuidados da criança indígena no seu desenvolvimento, e aí ela foca essa ideia do desenvolvimento nesse território que a criança está, então essa ideia do corpo território, né, um corpo que não se separa do seu território e que, portanto, ele vai estar inserido nessas atividades de nadar, dançar, tocar instrumentos musicais, criar objetos como o tipiti, a peneira, o abano, enfim, outros objetos próprios da cultura de cada povo Ela diz, “esses conhecimentos de seres nos quais as crianças estão imersas desde o seu nascimento, eles são conhecimentos, né, aí a gente pode chamar de conhecimentos ancestrais que circulam ali no alto Rio Negro e aí especificamente ela fala do povo dela que é o povo Piratapuia. E aí a gente com contato em diferentes regiões e territórios aqui do Amazonas, com populações indígenas, então acho que assim, a gente pode entender que são falas dela que vai se aproximar e que tem muita semelhança com os outros territórios, como, por exemplo, baixo Amazonas, né, onde a gente tá aí em Manaus agora com turma de pedagogia intercultural indígena, no alto Rio Negro, no Javari, né, onde a gente já circulou, a gente já transitou e a gente já vivenciou muita coisa. E aí ela fala que também essas, esses saberes, essas aprendizagens, elas estão relacionadas também na contação de histórias, que para o povo dela, esses relatos curtos, né, de histórias contadas pelos mais velhos, pelos anciãos, pelos povos deles ali ao redor da fogueira, do fogo à noite ou nos momentos de trabalho coletivo, né, esses pequenos curtis que ela chama aí que são narrativas curtas, são essas histórias contadas e que são recriadas e que são depois transmitidas, assim, de geração para geração, e que aí tem, né, o conhecimento tradicional. A gente tem do alto Rio Negro, também, o povo Baré, que hoje é um povo que tá inserido na turma de Manaus, que eles criaram, dentro do seu calendário de atividades, a Semana Baré e que nessa semana existe essa roda de conversas, de histórias dos anciãos, dos mais velhos da comunidade para as crianças, e para a comunidade, de uma forma que se diz, né, para que eles não esqueçam da sua cultura, da sua tradição, dos seus mais velhos, da sua, da sua existência, do seu bem viver. Passa, Larissa, por favor Aí, nesse terceiro ponto, a Rosilene traz uma questão que, assim, alicerça um pouco a nossa

discussão da educação infantil nos cursos de pedagogia intercultural indígena, que ela vai dizer que lá no território dela, mas que isso é uma coisa comum, um ponto comum também nos outros territórios do Amazonas, com exceção de poucos, né, que nos últimos anos as crianças passaram a frequentar as creches infantis. Isso, de uma certa forma ela vai dizer, “sobretudo aquelas que estão no entorno de centros urbanos”, né. Ela vai dizer, “assim, que isso vai trazer um tempo menor da criança no seu contexto”, porque ela sai desse contexto que é comunitário, né, enfim, ali, que é do seu próprio povo, para estar num outro ambiente que é as creches infantis, né, que dentro das comunidades indígenas, nós vamos dizer, das aldeias assim, a gente não vai ter essa separação de ter um centro de educação infantil e uma escola, né, de ensino fundamental, ensino médio, por exemplo, a educação infantil, ela funciona no mesmo ambiente, espaço, que muitas vezes vai ter também uma configuração, uma construção diferente, mas ela está ali dentro desse espaço. Então, desde muito tempo, essas crianças agora começam a conviver com outras questões, como a educação infantil, na creche, enfim, nos outros períodos depois, né, que, de uma certa forma, as, distanciam essa reflexão que ela faz, né, vai distanciando um pouco essas crianças desse ambiente mais coletivo e comunitário. E aí ela diz, assim que “se, por um lado, é preciso refletir sobre o direito e ao direito dessas políticas públicas, por outro lado, também é preciso refletir de que modo essas políticas públicas chegam aos indígenas, né, porque para que não haja esse distanciamento, para que essas, é travou para vocês Oi? Está passando, gente? Tá passando? Tá bom. E aí, então, a Rosilene, ela faz essa discussão, de a gente pensar e refletir sobre as políticas públicas da educação, aqui, especificamente falando, como, por exemplo, a oferta da educação infantil. Mais lá na frente nós vamos ver como que os indígenas discutiram isso dentro dos cursos de pedagogia intercultural. Pode passar, Larissa, por favor? Trazendo agora a contribuição de um autor não indígena, amazonense, que pesquisa infâncias indígenas do Amazonas, a gente traz a contribuição do professor Roberto, a tese do Roberto, né, “Vozes Infantes Indígenas”, o título do livro dele, que é o resultado da tese, né, o Roberto discute a presença dessas crianças indígenas num espaço indígena na cidade de Manaus. A cidade de Manaus hoje tem uma população de mais ou menos um pouquinho mais de setenta mil pessoas indígenas. Nesses, mais de setenta mil, a gente tem a presença das crianças. E, assim, é, normalmente, esses indígenas, eles estão, é vamos dizer, localizados ali em ambientes onde a gente tem várias famílias indígenas morando nesse mesmo lugar, né, que se caracterizam, eles vão chamar de espaços, de comunidade, de contexto urbano, enfim. Mas, assim, a gente tem muitos desses centros e a gente tem trabalhado

também com esses centros nos cursos de pedagogia intercultural indígena da turma de Manaus Então, essa contribuição do Roberto de pensar, no caso, o Roberto trabalhou com as crianças sateré mawé Hoje a gente tem crianças apurinã, criança baré, criança saterê, criança tikuna. A gente tem crianças dos diferentes povos indígenas que habitam a cidade de Manaus, mas que têm uma vinculação direta com seus territórios de origem e que isso não pode ser invisibilizado nem ignorado, né, vamos dizer assim, na sua infância. Porque aí também, como disse essa frase aí, né, que o acesso à cultura do seu povo é um direito da criança indígena, é uma questão que nos faz pensar. Porque muitas vezes, e aqui eu faço um apontamento lá para minha pesquisa de doutorado, que foi no Alto Solimões, onde eu conversei com professores, que são professores da educação infantil também, uma das questões que as minhas interlocutoras falaram, e conversaram comigo durante a pesquisa, e também nos nossos eventos, né, enfim, é que muitas vezes quando as crianças começam a frequentar esses espaços, que não são os espaços pensados pela comunidade, mas que às vezes tem, por exemplo, a questão da escola ou a questão da religiosidade, muitas vezes nesse espaço a criança ela é cerceada do acesso à sua cultura E aí a fala dessa mulher, que é mãe, professora, que a criança tem direito ao acesso à sua cultura específica, à sua cultura própria Então é uma questão que precisa ser repensada, depois lá na frente a Adria vai falar um pouco disso, também nesses espaços que ofertam a educação infantil Aqui na cidade de Manaus e nas aldeias, de forma geral, também aqui no Amazonas Pode passar, por favor? E aqui então a gente chega nesse ponto, que é o ponto de pensar nos cursos de pedagogia intercultural indígena A gente colocou um pouco ali, aqui no slide, nós fizemos discussões sobre isso.

Ana Lúcia: Célia.

Célia: Vinte, já? Vinte? Então beleza.

Ana Lúcia: Já são dez e cinco

Célia: Então eu vou passar para a Adria e ela conclui

Ana Lúcia: Isso que eu ia te falar, vocês completam meia hora, vocês completam há cinco minutos

Célia: Então, Adria, continua. Desculpa, me alonguei.

Ana Lúcia: Eu fui fazer as contas aqui, se cada uma falar meia hora, vai terminar às onze e quarenta Então só vai ter vinte minutos de debate Então o que eu vou pedir? Façam meia hora, mas aí, para não ficar só ficar minutos de debate, a gente pelo menos vai até meia-dia e dez.

Célia: Beleza.

Ana Lúcia: Como eu falei em cima da hora, veja se você consegue Mas vocês outras três, Olívia, Evelyn e Fabiana, é só meia hora, é só trinta minutos, Tá bom? Beleza.

Adria: Tá Então, de onde surgiu essas discussões? A partir da nossa experiência sobre a formação indígena, então, que era uma etapa de educação básica, que é a educação infantil, em que esses professores, nos cursos de formação, reivindicavam essa formação para trabalho com as diferentes crianças indígenas. Então, foi desse espaço de escuta aos povos indígenas que essas reflexões sobre como que a educação infantil surge dentro das comunidades indígenas e como que ela se apresenta enquanto uma demanda que surge desses povos indígenas em particular. Dentro dessas discussões que nós pontuamos, três questões das infâncias indígenas, que está presente no próximo slide, elas são trazidas Primeira, as discussões presentes no curso de querer formar e ter contato com a educação infantil, e, especialmente, pensar essas discussões por meio das infâncias indígenas, que são trazidas pelas narrativas de professores indígenas como espaços de reflexão, de experiênciação nesses momentos formativos, das crianças que eles foram e das crianças que eles se projetam hoje enquanto adultos e que formam essas crianças Essas narrativas, como no próximo slide vai mostrar, não estão passando Estão presentes nas produções desses professores, nas produções autorais desses professores, e de onde nós tiramos, então, essa reflexão de que, de que forma nós podemos pensar a educação infantil A Célia e o Roberto têm um texto que trata dessa discussão, que é o próximo slide, que é quando a educação infantil é na aldeia Então, pensar uma educação infantil não tão localizada num espaço, mas pensar de uma forma mais ampliada que a educação infantil nessas aldeias Mas, para fazer isso, nós precisamos fazer esse deslocamento e fugir de algumas armadilhas que os mesmos, aqui na nossa, pensando nos espaços de educação infantil, nós

costumamos cair Então essa ideia da armadilha e até de prender a libélula, prender a jacinta que quer fugir e a gente fica lá preso, nessas armadilhas, nós colocamos esses dois momentos duas armadilhas aí, como fundamentais pra gente repensar a educação infantil e qual a nossa contribuição aqui para região Amazônica A primeira delas seria pensar a educação infantil, como esse movimento de interpelação que acontece com humanos e não humanos, entre crianças e adultos habitantes das aldeias da amazônia E é pensar esse movimento de aldear, de aldeamento, de ajuntamento que nós então convidamos todos a fugir da armadilha que pensa a educação infantil como esse lugar que forma criança indígenas, que produz uma identidade em detrimento a perspectiva de deixar fluir uma infinidade, uma proliferação infinita, então de pertencimentos e interações A partir do momento que a gente forma uma criança, a gente está fugindo da ideia de aldeamento de ajuntamento O que nos leva também a um segundo momento, pensar, fugir dessa segunda armadilha que é pensar a educação infantil Oi

Célia: Larissa passa o slide por favor, nós estamos com o slide congelado É o outro já

Adria: É o outro Ah, tá A segunda armadilha que devemos escapar, pensar a educação infantil como esse lugar, então, prescritivo e cerceador dos modos de ser e estar das crianças indígenas, que é, então, esse espaço de ser criança, gente, muitas vezes, dentro da ideia de pensar esse lugar, a gente vai se tentando, porque a gente tenta, mas a criança sempre se reinventa Dessa maneira, a falha de a gente se apossar, de regular, de tentar controlar essas múltiplas maneiras de se manifestar, seja ela dentro das suas identidades e das suas etnias Então, as crianças, elas são Matis, Matsés, Tikuna, Kokama, Kambeba, enfim Há essa proliferação infinita de etnias dentro da sociedade, da região amazônica, onde cada um desses pertencimentos se manifestam de maneira singular dentro dessa ideia de uma diferença que acontece, que se manifesta nesses espaços Então, é o que nos leva ao nosso, então, último slide aí, que, diante dessas duas armadilhas, da tentativa de fugir dessas duas armadilhas, quais seriam as nossas apostas? Então, vamos passar para o outro slide. Quais seriam essas duas apostas? A aposta, então, se existe uma aposta, eu até pergunto, mas se tivesse uma aposta, algo em que apostar? Nós percebemos, por meio dessas narrativas trazidas pelos professores, tanto do Alto Solimões quanto do Vale do Javari, que essa aposta está na invenção, nessa maneira, nesses modos próprios de se imaginar e de recriar essas realidades Então, apostar nessa capacidade criativa, como esse lugar, trazendo

até alguns autores aí, seja Roy Wagner, Larosa, Latour, ou a própria Rose Waikon, de experimentação, de invenção, de descoberta e de criação, que são decorrentes também desse estudo e desses experimentos que são feitos dentro das aldeias Então, romper o que já está assentado também não é uma tarefa fácil, e esses professores nos colocam isso É por isso que esses professores, junto das suas crianças, nesse processo de aldeamento, eles vão repensando e organizando esses espaços, e nós vimos isso nas suas narrativas Por exemplo, entre os professores Matis, que é um povo do Vale do Javari que constantemente se muda e que vão ressignificando a sua territorialidade, eles apontam a escola não como aquele espaço onde acontece a educação, mas como um lugar de referência e não como uma finalidade ou uma rotina que se repete todos os dias O que, para os Matis, e aí a gente pensa de maneira ampliada, talvez, para os outros povos, para repensar essa ideia da educação infantil, o que eles têm todos os dias é a aldeia, com as suas particularidades, com os seus modos de organizar, de viver a aldeia E a Rosy Waikon traz isso nas suas narrativas, inclusive nos seus *kirtí*, como ela coloca nas narrativas que ela pontua, porque eles já realizam, eles vão realizar o que eles já realizaram e ressignificam através dessas narrativas E aí os professores, professoras, juntamente com as crianças nessas aldeias, eles apontam e inventam outros possíveis, outras possíveis na educação infantil, de currículo, de escola, de didática Essas crianças talvez saibam, talvez nem saibam da potência que é esses processos inventivos, pois trata-se da vida, da própria vida que elas vivenciam Talvez a ideia de reaprender com essas crianças e com esses professores esteja justamente na ideia da vida na aldeia Porque viver é característico desse reinventar E a Amazônia grita por esse modo singular e particular de existir Então, estejamos atentos a esse lugar de invenção É isso, muito obrigada

Ana Lúcia: Obrigada, Adria. Então, agora seria interessante se passasse para todo mundo os slides, seria muito bom. Então, agora a palavra está com você, Olívia.

Olivia: Oi, gente, bom dia. Eu acho que alguém levantou a mão para fazer uma pergunta. Acho que foi.

Ana Lúcia: As perguntas não são agora.

Olivia: Ah, então tá.

Ana Lúcia: As perguntas vão ser só depois de todo mundo falar meia hora cada um

Olivia: Beleza, então Gente

Ana Lúcia: Eu vou estender um pouquinho de tempo, porque acho que foi bem em cima Mas as perguntas, então, todo mundo pode tomar depois.

Olivia: Beleza Então, gente, bom dia Primeiro, eu gostaria de agradecer o convite da Ana, de todo mundo que está aqui participando do lançamento do livro Uma proposta super interessante. Cumprimentar também a Célia, que está aqui comigo, a Fabiana, a Evelyn, todo mundo No momento, estou aqui em Santarém, na Universidade Federal do Oeste do Pará, na UFOPA, na sala do meu amigo Rafael Zilho, que é professor aqui no Lugo de Pesquisa de Emancipação Social Então, por isso que aparece o nome aqui, Rafael Zilho, porque ele me cedeu a sala dele para eu participar Bom, e esse texto que eu vou compartilhar com vocês, ele foi escrito à mão Foi um texto que eu escrevi à mão, no barco, na viagem de barco, que eu tinha preparado um material da tese para compartilhar aqui, ainda vou trazer Mas eu penso que esse momento aqui, com a discussão do livro, acho que cabia uma outra discussão Então, o nome desse texto é "Direitos da Memória", entre parênteses, sobre a infância "Direitos da Memória sobre a infância" Por que eu trouxe esse texto? Eu sou uma pessoa que nasceu, cresceu, estudou, me formei gente, em Manaus E a minha família é uma família que vem da comunidade indígena do Awat Paraná, no alto Rio Solimões  família, n? E durante a minha formação para ser gente, eu tive um distanciamento muito grande de alguns aspectos da vida da minha família em comunidade E o que eu venho reclamando, reclamando no sentido de reclamar algo, durante o meu processo de doutorado, depois das minhas discussões com a Ana, pensar sobre infância, a partir de uma perspectiva decolonial, principalmente,  da gente pensar nesses direitos de uma infância que cronologicamente já se foi cronologicamente, eu não sou mais uma criança Eu sou uma pessoa adulta, com anos Porém, eu venho buscando esse direito da memória, da minha infância e dos processos políticos, sociais, culturais na minha formação enquanto gente, que não são, por sua vez não são, desvinculados do contexto social, político, econmico que a região norte político-econmico que a região norte do Brasil passou da década de até hoje que  quando a minha avó sai da comunidade do povo cambeba no Alto Solimões para morar em Manaus no processo de urbanização forçada e de dizimação

dos povos indígenas que ocorria na década -70, no estado do Amazonas, catalisado aí pela ditadura militar E essa urbanização e industrialização do Brasil, dessa região norte do Brasil que vem sendo o polo, que foi a ser o polo industrial de Manaus que se consolidou e esses trabalhadores então foram coagidos do interior para a capital para serem feitos de obra, né? Então esse meu texto aqui que eu escrevi, quis escrevê-lo à mão, mas eu vou usar algumas imagens e daí eu vou projetar, aí eu vou começar o texto projetando uma imagem de uma pessoa que me é muito cara, que eu gosto muito dessa pessoa, que é o Denilson Baniwa. O Denilson Baniwa, ele é um artista indígena do povo Baniwa do baixo Rio Negro, se eu não me engano, onde está a família dele E o Denilson, ele foi uma pessoa que eu trabalhei com a obra dele na tese, mas é uma pessoa que eu também admiro muito enquanto, enquanto pessoa, gosto da pessoa dele e é um cara que ele faz uma prática artística onde ele faz uma fusão de expressões, né? Então essa aqui é uma tela do Denilson que se chama Cunhantã, Cunhantã foi o nome que me foi escrito durante toda a minha infância, que significa menina, né? E menina pequena, né? Menina criança E aqui nessa tela do Denilson é de uma série que se chama Antropofagia Musical Então eu vou começar a ler parte do meu texto, que está aqui escrito à mão O texto Direitos da Memória sobre a Infância Quantos textos acadêmicos ainda são escritos à mão? Durante os cinco anos do meu doutorado, quis trabalhar minhas anotações no papel, mas era claro para mim que o papel abrigava coisas incompletas, gestadas, só viriam a luz na tela do computador Esse texto é escrito enquanto navego pelo rio Amazonas em uma viagem de dois dias entre Manaus e Santarém A última viagem que fiz de barco foi em , quase quinze anos atrás Quis escrever esse texto antes de começar essa viagem, quis embarcar sem pendências de trabalho Essa era a minha intenção Rascunhei por vários dias uma tentativa de texto acadêmico sobre a memória Memória que é minha, mas não é só minha Ela é singular, mas coletiva de todas e todos que viveram suas infâncias no chão Amazonas Esse que eu navego agora, ele dita a vida Em suas margens, a vida pulsa no choque entre culturas, poderes e saberes Rio Amazonas, formados pelos rios Negros e Solimões, espinhas dorsais do viver amazônico Nessas águas habitam as minhas memórias Como disse, há uns quinze anos não navego das águas Me parece, estando aqui, que o bloqueio de escrita sobre a memória e infância era falta de Rio Precisava inverter a lógica dos meus pensamentos, que só ganhariam vida no computador, para convidá-los a ver a vida no Rio através das minhas memórias Nossas memórias são heranças políticas, diz o artista Beto Oliveira, idealizador do projeto Margem do Rio Herança política que passa da minha bisavó, que nasceu e viveu na terra indígena do Alte Paraná,

em Fonte Boa, Alto Rio Solimões Da minha avó, que pelas circunstâncias migrou para a cidade de Manaus Da minha mãe, mulher indígena, empobrecida, mãe solo Então, esse texto que eu comecei a escrever, eu penso que ele é interessante para situar o que eu vou abrir agora para a gente Então, na minha tese, eu trabalhei com artistas indígenas e a relação dos artistas indígenas com os movimentos sociais, com o movimento indígena no Brasil, a partir da segunda metade do século vinte Porém, como eu estou falando aqui com vocês de memória, vou dar uma deslocada nesse foco dos artistas, para a gente falar da importância, então, de resgatar as nossas memórias enquanto crianças amazônicas Então, aqui Na introdução do livro Memórias da Plantação, Episódio do Racismo Cotidiano, Grada Quilomba inicia trazendo a tona no questionamento sobre o porquê escrever E na condição de Mulher Negra, elucida a importância de tornar-se sujeito No sentido de vocalizar episódios cotidianos do racismo, em uma perspectiva de auto percepção, mas também de falar no seu próprio nome Falar no seu próprio nome é uma alusão, ao Stuart Hall, né, percurso aí dos estudos culturais Tornar-se sujeito nessa abordagem está relacionado à negação do ser, por contrapartida, o objeto Então, o que é que Grada Quilomba traz aqui no livro dela, que eu acho que é fundamental para compreender o que significa resgatar uma memória de uma infância amazônica, né? Segundo a Bell Hooks, no livro Anseios, Raça, Gênero e Políticas Culturais, ela cria uma divisão de duas perspectivas que a gente pode ter para narrar a nossa própria vida Nós podemos ser o sujeito ou nós podemos ser o objeto E a diferença entre ser o sujeito e o objeto são, o sujeito é capaz de definir a sua realidade, estabelecer a sua identidade e nomear a sua história Por outro lado, o segundo objeto ocupa uma posição de passividade na construção da própria narrativa E a diferença entre ser um sujeito e ser um objeto está intimamente ligada com uma coisa que o Foucault, peço desculpa pela referência muito europeia, mas que o Foucault vai chamar de cuidado de si O cuidado de si é um conceito que passeia muito, né? Muitas pessoas usam esse conceito de cuidado de si E eu gosto, para a gente entender bem, eu vou traduzir o conceito de cuidado de si como meu orientador de doutorado Silvio Gallo me ensinou, o cuidado de si não é, se não, a investigação sobre si E esse si, esse self, não é individual, é um self coletivo a partir das nossas singularidades E a minha grande singularidade é, eu sou uma pessoa, eu sou uma criança que cresce no chão amazônico num processo de industrialização que, portanto, causa um processo de alienação da minha própria família e, conseqüentemente, meu, da nossa comunidade, do nosso povo cambeba Então, a partir do momento que nós nos entendemos enquanto sujeito e não enquanto objeto, a gente consegue se desvincular coletivamente de certas

amarras, né? Então, por que eu trouxe essa cunhantã? A cunhantã, no Daniel Zumbaniwa, nessa série que ele chama de antropofagia, que eu gosto muito, existem várias telas, que é a Antropofagia Musical, de Essa cunhantã, ela está, então, no celular, com fones de ouvido, e a ideia que o Denilson traz muito para a gente refletir, debater, para a gente desconstruir, é que essa menina, ela está aí fazendo o uso de certos dispositivos que são muito atrelados, que são símbolos, na parte da semiótica, que são símbolos de um suposto de desenvolvimento, sendo, então, os povos indígenas o oposto desse desenvolvimento E é muito interessante pensar nessa perspectiva de onde a menina está aí, como centrada, no celular, é uma criança, com fones, e eu me identifico muito nessa imagem Essa imagem significa muito para mim, nessa tela, porque sou eu, eu era essa criança, eu era uma cunhantã, e eu cresci num processo muito grande de urbanização, cresci nos anos , em Manaus, e então eu queria muito revisitar essa minha infância, nesse direito de memória da minha infância Então agora eu vou apresentar outra imagem para a gente continuar Essa próxima imagem é uma imagem pessoal, uma imagem da minha infância, que é a imagem da peça "Antes o Mundo Não Existia" Antes o Mundo Não Existia é um livro, é um livro escrito pelo Firminiano Luiz, pelo Firminiano Lana, e o Luiz Lana, do povo de Sana Foi um livro que foi escrito com a ajuda da Bertha Ribeiro, uma antropóloga, e fez uma viagem pelo Rio Negro nos anos E então ela escreveu esse livro com a invenção do mundo a partir da cosmologia de Sana Então o livro se chama Antes o Mundo Não Existia E esse livro, ele foi transformado em peça, em peça de teatro, pelo Nonato Tavares, que é o meu tio, que foi a pessoa que me criou, que foi o meu cuidador principal na infância Eu não tinha pai até então, e o Nonato era então o meu cuidador principal, pois vivíamos em comunidade Tínhamos muitos tios, muitas tias, primos, todos morando numa grande casa E essa foto é da organização da peça com pessoas indígenas de diversas etnias que estavam na cidade de Manaus Na época, acho que isso foi em 7, eu era pequena, eu era criança Então eu tenho revisitado muito e trabalhei muito na tese uma autoetnografia de ter crescido então numa comunidade de teatro amazônica Ao mesmo tempo que eu não me identificava como indígena, meu tio tão pouco, nós nos identificamos enquanto caboclos Caboclos aí é uma problemática regional de quem que é o caboclo, o caboclo é o indígena, o caboclo é o indígena urbanizado, o caboclo é uma mistura, o caboclo é o pardo, essa é uma discussão muito viva ainda Então nós éramos caboclos trabalhando aí com esse movimento da cultura indígena mas assim despretensiosamente, no sentido E agora voltando a Cunhantã, conforme eu fui crescendo e trabalhando com o referencial decolonial eu consegui entender que essa prática que nós tínhamos, que o meu tio

tinha, que eu por consequência tive, ela era um movimento de tornar-se sujeito, era alguma coisa que não cedia, alguma coisa que incomodava, alguma coisa que não morria. E é muito interessante porque a minha avó era indígena, a minha mãe não se identifica e eu me identifico de novo. E é muito interessante porque a minha avó é indígena, a minha mãe não se identifica, e eu me identifico de novo. Então, eu fiquei pensando muito sobre o que foi plantado nessa infância, que tipo de infância foi essa que isso não apareceu, mas manteve-se vivo, e hoje em dia eu consigo retomar isso. Se a gente pensar, o censo de no Brasil, nós tínhamos meio milhão de indígenas, aproximadamente. No censo de , nós temos milhão e mil indígenas. E o que é esse movimento? Então, eu vim me perguntando o que é esse movimento, e dentro dessa autodeclaração, nós temos muitos jovens, muitos jovens, muitos estudantes, que se autodeclaram a partir das suas memórias de como viviam na infância. Então, eu chamo esse texto aqui que eu escrevi de O Direito da Memória. O direito da memória que resgata e nos potencializa com a autodeclaração, com o nosso entendimento enquanto sujeitos protagonistas da nossa própria história. Para dar uma encerrada, eu gostaria de trazer uma fala de uma pessoa também que é muito importante para todos nós, que é o Jaider de Esbell. O Jaider de Esbell tem um texto chamado "Autodecolonização Uma pesquisa individual na perspectiva coletiva". E essa prática de autodecolonização, então, dessa busca, dessa investigação de olhar para uma infância, que é a minha infância, mas como diz o Jaider de não é só minha, isso acontece num horizonte coletivo, e muitos dos artistas indígenas que eu trabalhei na minha tese reforçam nesse argumento, reforçam essa narrativa, essa prática de decolonização, de autodecolonização, de crianças, não mais crianças, amazônicas e do seu processo de autodeclaração, que é a busca pelo que nos torna sujeitos, é a busca pelo que não deixou a nossa identidade morrer, que não deixou a nossa identidade se perder, e como fala o Jair, é isso que deixa claro que a colonização é um projeto incompleto e ineficaz, pois estamos aqui hoje em dia buscando os elementos que tornam a nossa identidade viva, pulsante, com muitos indígenas no processo de autodeclaração, de auto-reconhecimento, e uma dessas estratégias é então a busca pelas nossas memórias de infância. Então, gente, essa é a minha fala, essa que eu trouxe aqui para a nossa apresentação coletiva, eu fiquei muito feliz de estar aqui com vocês, agradeço o convite, muito obrigada.

Ana Lúcia: E muito obrigada pela economia do tempo, porque o seu conteúdo é bem complexo, e você traz uma referência que a gente não conhece, muito, muito bom,

e muito obrigada pela Eu acho que depois, na hora do debate, a gente vai pedir para dar uma esticadinha em alguma coisa Super obrigado Então, eu passo agora a palavra para a Fabiana, colega e amiga da Olivia, Fabiana.

Fabiana: Oi!

Ana Lúcia: Eu vou aproveitar o tempo que a Olivia economizou e vou contar meia hora a partir de agora para você.

Fabiana: Tá bom!

Ana Lúcia: O seu horário no Maranhão é igual o delas de Manaus, não?

Fabiana: Não, não é de Brasília, meu. Eu queria agradecer o convite da Ana, do Roberto, dizer a satisfação de estar aqui com vocês nessa manhã, saudar as colegas de mesa e de encontro. No nome da minha amiga, Olívia, sempre uma satisfação, um prazer gigantesco ouvi-la estar com ela. A Ana sempre diz que a gente faz uns encontros meio de comadres, mas porque as nossas teorias passam por nossas afetividades. Quando eu estou com o Eduardo, que é nosso amigo que também escreve o capítulo no livro, é assim, quando eu estou com a Ana, com a Olivia. E agora, conhecendo Roberto, a Celia, ouvindo, elas já dão uma satisfação muito grande de estar nesse encontro. Talvez eu economize também, espero economizar um pouco de tempo, sobrar um pouquinho, porque são aproximações. Eu não fiz uma fala, eu não organizei uma coisa estruturada, nem em termos teóricos de pesquisa, como eu geralmente faço. Eu tive num evento com a Ana, esse é o segundo, e isso, só colocar no primeiro slide para mim, por favor, porque foi em PDF, para não desconfigurar. Então, em PDF não é tão legal de a gente estar passando a apresentação, mas aí a apresentação está no segundo slide, ok. E aí, eu estive com a Ana numa fala sobre participação infantil, sobre as minhas pesquisas no começo do ano, na disciplina de sociologia da infância, aquela ministrou com o Eduardo, na Unicamp, para a pós-graduação. E aquela fala me inquietou muito, porque pela primeira vez eu não fiquei satisfeita com a minha própria fala. Eu meio que quis falar livremente, ao mesmo tempo trazer slides com algumas citações, se alongou, o recorte ficou um recorte complicado. Mas nesse processo de autodescolonização, decolonização, eu acho que a gente inclui as nossas falas, as nossas teorias, os nossos escritos, as nossas formas de pensar, as nossas formas de

palestrar, de dar aula, de estar falando sobre esses conhecimentos. Então, a gente tem tentado construir outras formas, outros mundos possíveis e nessas posturas anticoloniais, anti-racionalistas, anti-humanistas. A Ana colocou alguns “antis”, um anti-adultocêntrico ainda agora. E as nossas leituras deste momento histórico, dessa conjuntura, eu estou aqui com o Antônio Bispo e a Terra dá e a Terra quer. E aí, nesse lugar de aquilombamento, de aquilombar-se também, passa por tentar construir algumas circularidades, trazer para nossas falas algumas circularidades que o Nego Bispo coloca que nós, quilombolas, nós, povos indígenas, somos povos das circularidades. Então, a minha fala é uma fala buscando um pouco de circularidade porque eu começo com questionamentos, eu estou tentando tensionar e gostei, quando a Célia disse de perturbações, ela trouxe as perturbações dela, eu tenho as minhas perturbações, e a Olívia fala, “eu estou reclamando”, eu parto de um lugar de reclamação, de pedir para si, de buscar para si, e eu me encontro no mesmo movimento de reclamar um lugar no Maranhão. Então, eu vou pegar um pouquinho dessa transição da fala da Olívia. Eu sou filha de pais maranhenses, um da região dos Lençóis, que é do lado do Piauí, do lado do Ceará, que é esse ecossistema totalmente diverso do Maranhão, que é ter um deserto com lagoas, e ter um deserto no Brasil que é totalmente inusitado, então, meu pai é deste lugar, e a minha mãe é do lado do Pará, que a gente chama Baixada Maranhense, e a Baixada ainda hoje é um território quilombola, um território alagado e um território amazônico. Então, eles saem desses lugares e se urbanizam, como a Olívia está falando, e aí eles vão para São Paulo, eu faço o meu nascimento em São Paulo, eu não, me nascem, como dizem, e eu faço esse movimento em São Paulo, fico até os seis anos e volto para o Maranhão, mas eu estou nesse movimento diaspórico o tempo todo, que é sair daqui para fazer mestrado em Campinas, na Unicamp, fazer o doutorado em Porto Alegre, fazer pesquisa em São Paulo. Agora acabei de chegar, está fazendo um mês e, alguns dias que eu voltei da Itália, desse pós-doutorado, nesses movimentos de enxergar pelo lado de fora, de buscar, de se buscar e de se ver, como o Saramago diz, você é preciso sair da ilha para ver a ilha, e aí ir em São Luís, onde eu habito, moro, e sou docente, sou uma mulher maranhense, e basicamente da capital, da ilha de São Luís, conhecida como ilha de Açú, e esse lugar é essa fronteira que representa o Maranhão enquanto estado do Nordeste, mas que tem seu território, que tem 75% do seu território na Amazônia, na Amazônia legal, IBGE, o último IBGE, tem um slide aqui que eu já estou antecipando, coloca o Maranhão com um pouco mais de 75% como um território amazônico, e aí é maravilhoso ouvir vocês falarem do meio das Amazonas, mas nós aqui também somos

esse lugar, mas somos totalmente diversos disso, então esse título, Nós em Nós, é uma busca de um espelho, que é a busca que eu estou fazendo teoricamente dentro das pesquisas, dentro das reflexões teóricas, de buscar as nossas especificidades, as nossas particularidades culturais dentro do processo educacional, pode deixar no segundo slide, que é esse de onde a gente se vê, aonde a gente se enxerga, como, onde e como nós nos vemos essa busca de um espelho. Então, essa é uma imagem tirada, que eu fiz. Desculpa, vou voltar. As imagens da frente do slide, de crianças, dentro das tradições e da cultura popular maranhense, dentro do bumba-meu-boi e dentro dos nossos tambores, são imagens do meu amigo fotógrafo Augusto Rabelo, e nós estamos feito um coletivo de professores, pesquisadores, fotógrafos, que capturam a cultura popular e tem um grupo que vai buscar as crianças nas festividades, as crianças noturnas, as crianças brincantes da cultura popular, dentro das festas, das nossas festas, das nossas tradições aqui, principalmente do bumba-meu-boi e do tambor de crioula. Então, essas imagens, esse espelho d'água do rio Preguiças, na verdade, do afluente do Preguiças, do rio Cocal, de onde nasce meu pai, esse rio que está meio alagado se torna um espelho. E essa ideia de espelho para não ser um espelho do colonizador. Queria dizer, o nós em nós é a busca do espelho, como nós nos vemos, se a gente está se vendo. Pelas falas de vocês e pela reclamação da Olívia, pela busca da Olívia, e ela fala sobre isso, há um movimento de busca de si, de cuidado de si, de prática de si, de uma investigação sobre si, que é coletiva, como coloca o Silvio, mas como coloca o Foucault. A gente estuda sobre isso também. Mas quando a gente colocar isso coletivamente, dessa busca, a gente percebe esse movimento, teoricamente, que a gente tem feito isso. Mas quando nós vamos para o chão das instituições de educação infantil, para as creches, para as pré-escolas, eu me preocupo muito com a ausência desse espelho em que a gente se veja refletido. Mas não veja a individualidade, veja toda a bagagem, toda a cultura, todos os nossos pertencimentos. Então, próximo slide, por favor. Quando eu pergunto sobre se ver, mas ver o quê? Qual é a ideia do ver? É para afirmar as nossas potencialidades. Não é ver no prazer estético, é o ver no sentido da investigação de si, do cuidado de si, da prática de si, de afirmar potências. E quais são essas potências? O que a gente está colocando pelas pesquisas, pela investigação com as crianças, nas nossas leituras teóricas, é ver a nossa bio e sociodiversidade. A que nos rodeia é a que nos constitui. Essa potência sócio, biosociodiversa, ela está nas nossas instituições, porque como eu transito, e aí estou em São Luís, sou professora da Universidade Federal do Maranhão, no momento ainda não terminei o meu pós-doutorado, ainda estou afastada. Como professora da Universidade do curso de

Pedagogia, da área de educação infantil, pesquisa a área de educação infantil, mestrado, doutorado, a dissertação e a tese são sobre educação infantil, sobre política de educação infantil, sobre a política nacional, sobre práticas democráticas na educação infantil. É sempre uma análise sociológica, uma busca sociológica, de compreensão do contexto da educação infantil brasileira. E, agora, essas leituras sobre a política brasileira, não estou às fazendo mais por essa perspectiva, mas por uma perspectiva culturalista de buscar as nossas pertencas dentro dessa constituição política da educação infantil, não da política documento oficial, mas de como a gente constrói a educação infantil cotidianamente, nas narrativas, nas práticas, na pedagogia, na formação de professoras e professores, nos territórios, sejam eles indígenas ou eles quilombolas. Como é que esse nosso olhar, essa nossa discussão, ela nutre, ela alimenta materialmente, visivelmente, o chão das instituições de educação infantil? Então, essa biosociodiversidade, como é que vocês, pesquisadoras e pesquisadores, deste território, ao adentrarem esses espaços institucionais de educação da infância, veem, porque a minha inquietação, a minha perturbação e toda essa, esses slides cheios de perguntinhas, elas partem desse lugar. Quando eu adentro as instituições de educação infantil e de ensino fundamental no Maranhão, eu não vejo a nossa maranhenseidade, eu não vejo a nossa intercultura dentro desse território educacional. Acho que foi a Ada que falou uma coisa bacana, que ela falou um território étnico-educacional. Adorei a categoria, já estou trazendo para mim. Esses territórios que são, por quê? Porque o Maranhão, não só por ele estar na divisa, na divisa entre Nordeste e Norte, e ele ser essa a fronteira, o Maranhão é a fronteira entre Norte e Nordeste, nós somos nortistas e somos nordestinos, e isso é uma peculiaridade muito forte, porque se eu vou para a Bahia, para Pernambuco e tal, eu não sou reconhecida como uma nordestina, mas como uma nortista. Já há especificidades na forma de falar nossa festa, nosso S puxado, e aí a linguagem como identidade de pertença territorial, mostra esse lugar fronteiríssimo. Então, como esse lugar de fronteira, eu tento olhar dentro dessas instituições marcas culturais que sejam ou do Norte ou do Nordeste, ou do Norte e do Nordeste, dentro desses espaços, e aí essa perturbação de não encontrar faz com que eu não busque, provoque e perturbe outros sujeitos a partir do chão das instituições, mas sim a partir da cultura popular maranhense.

Acho que fiz aí, não sei se fui clara, não preciso também ser clara, a gente tem substituído claro, vamos enegrecer os processos aqui de elucidações, mas para dizer que esses lugares de fronteiras, esse fora e esse dentro, eles provocam perturbações no olhar, no estar, no pertencer, do despertencer, que mudam as nossas colocações no

mundo, nas nossas leituras, nas nossas formas de olhar a formação. E aí esse próximo slide, que sumiu da tela, mas é um slide, que questiona os contextos formativos. Há uma professora negra do tambor de crioula com uma saia de chita rodada, com seus dreads, dentro de uma sala da Universidade Federal do Maranhão, dentro de uma das minhas disciplinas, que é essa, que tem um tambor, um crivador, que é um tambor grande de pau, de uma madeira específica, desculpem, eu não vou conseguir lembrar agora qual a madeira, mas com esse couro de cabra bem puxado, que ele bem esticado chica e que ele dá som quando ele vai para a fogueira. Então todos os nossos movimentos, dançantes no Maranhão, ritmados do Maranhão, eu vou falar um pouco disso na frente, eles vêm dos tambores. E aí a gente começou agora a fazer uma discussão no nosso grupo de pesquisa, que é a nossa pedagogia, uma pedagogia dos tambores. A nossa pedagogia, ela ecoa, ela ecoa porque ela vai para bater no tambor do crivador, seja em outros tambores, que a gente tem vários, o tambor de onça, cada tambor puxa um ritmo de boi, puxa uma circularidade, puxa uma dança, e isso dialoga com as nossas ancestralidades dos dois lados, do Nordeste, do Maranhão quilombola e do Maranhão indígena. O tambor está nas nossas duas matrizes étnicas. E aí, eu ando pelas instituições de educação infantil do Maranhão, e aí, gente, como é que eu ando? Eu ando como professora, supervisora de estágio em São Luís. Eu fui da Rede de São Luís durante sete anos. Eu fui coordenadora e especialista em educação da Rede da Capital e fui superintendente de educação infantil. Nesse lugar que eu ocupei sete anos como coordenadora pedagógica, fazendo acompanhamento e supervisão das instituições de educação infantil e a política, eu depois volto como gestora. Então, eu conheço a rede municipal de São Luís, a maioria das instituições, as professoras me conhecem, eu conheço a prática, eu dei formação para essas professoras, elas são minhas alunas na universidade, elas são no mestrado. Então, a gente frequenta esses espaços. Eu volto para esses espaços enquanto professora da UFMA de estágio em educação infantil e também enquanto estágio do PARFOR, do nosso Programa Brasileiro de Formação de professores em exercício. E eu vou para a fronteira, ano passado eu fui para a fronteira entre Maranhão e Pará, numa cidade chamada Maracaçumé. E lá também vou nas instituições de educação infantil como em outras que eu ando pelo interior do Maranhão, são 217 municípios maranhenses, dos 217 eu conheço 43. Não dá a dimensão dos 200 minha gente, mas 43 municípios Maranhão é muita coisa. E aí nessas andanças, eu percebi depois que eu fui a algumas instituições de educação infantil em São Paulo, onde eu fiz a pesquisa do doutorado, lá numa instituição no Alto da Lapa, na EMEI Dona Leopoldina, tem uns tambores nossos do Maranhão, uma caixa,

um tambor de caixa, que as caixeiras do divino, as caixeiras são mulheres que batem tambor, que puxam a festa do Divino Espírito Santo, mas que puxam e recriam essa festa cristã para pagã, que é o tambor de crioula, desculpa, que é o cacuriá. Elas transformaram, desculpa, o tambor de crioula não, o em cacuriá. Então o cacuriá, ele sai de dentro da festa do divino e se torna uma dança totalmente sensualizada e erotizada, que vem da festa do divino, mas é puxado pelo tambor de caixa das caixeiras do divino, que tocam com dois pauzinhos, vai que agora vou esquecer o nome aqui. E eu olhei esses tambores nessa minha pesquisa lá em São Paulo, e aí depois eu fiquei, gente, eu já entrei tanto, baquetas é o nome, obrigada Fernanda por me lembrar, as baquetas, tocadas com duas baquetas, a caixa do divino. E aí eu fiquei, onde no Maranhão eu já encontrei uma caixa do divino em uma instituição de educação infantil? Onde eu já achei um crivador? Em quais instituições eu encontro os nossos tambores? E aí passa do tambor, passa pelas cabaças, pelos nossos trançados, pelos nossos leques trançados, pelos nossos côfos, por toda a nossa cultura artesanal, por todas as nossas artesanias, como diz o Richard Sennet, onde essas artesanias estão na formação docente? Onde elas estão no espaço institucional? Aí pode passar o slide pra mim, porque aí quando eu vou pra fora e quando eu vejo as nossas formações, leio os nossos artigos, as nossas pesquisas, no campo da educação, o próximo slide tem duas fotos minhas recentes de uma instituição de educação infantil em Pistóia na Itália. E são fotos de um espaço educacional para bebês. Não é uma creche, é um espaço. É a *area rossa*, um espaço que acolhe os bebês em um processo de tornar o espaço que acolhe bebês uma praça. Ela não é aberta, mas ela é uma praça. É uma praça onde os bebês podem circular e as famílias podem circular e os bebês ficam lá enquanto as famílias estão circulando em outras atividades. Mas pra dizer que a gente tem olhado os ossos processos formativos e a nossa própria educação infantil passando esse olhar por fora, e aí eu faço como a Olívia, peço licença, porque é isso, a gente passa o nosso olhar por fora, a gente não prender o nosso olhar do lado de fora. Pelo menos nós não. Nós estamos olhando pra lá e olhando pra nós. Esse processo de se olhar no espelho do outro e se ver ou não se ver no outro, ele é constitutivo desse processo formativo, desse autodecolonizar-se. O auto, eu, Fabiana, eu, Olívia, eu, Ana, mas o processo da própria educação infantil brasileira. Por quê? A gente vai pro próximo slide. Porque quando eu vou pra Itália e vejo ali uma briga buscando uma abordagem italiana, porque a abordagem *Reggio*, porque a abordagem *Toscana*, um *approach*, e aí eles estão buscando afirmar o que é uma especificidade. Olha, a especificidade dessa região se caracteriza por isso e por isso. Eles estão lá, tem muitos escritos e tal. Foi pra isso que

eu vim falar aqui. Mas eu fiquei pensando, gente, e a nossa abordagem brasileira qual é? E a nossa abordagem nordestina qual é? Nossa abordagem, eles estão brigando regionalmente pra constituir uma especificidade da educação infantil italiana por região. Um pouco isso ali que eu percebi o movimento instituinte agora nessas disputas ali teóricas e pedagógicas que são sempre uma briga de campo, se a gente pensar com Bourdieu, a teoria de campo, como os sujeitos ocupam os campos e como a disputa dos agentes com cada um coloca um *capital* dentro dessas disputas de campo, o que a gente está trazendo para a nossa disputa de campo aqui por uma especificidade? Pelo nós em nós, como é que a gente diz desse lugar do norte do Brasil que nós temos especificidades na educação infantil que eu preciso dizer, Rita Coelho querida, não é por aí amiga, olha, a política de educação infantil do sul, do sudeste, pode ser assim, é assim, tu orienta dessa forma, tu constitui mais aqui no norte, a nossa educação infantil precisa disso e disso. A gente aqui faz assim e assim. Onde eu reúno esses elementos teóricos, formativos, pedagógicos, circulares, cósmicos, orgânicos, territoriais, para poder argumentar com a Rita, e aí materiais mesmo, de uma iconografia nortista, de uma materialidade nortista e nordestina para dizer, olha, aqui para educação infantil, com as nossas especificidades, criando uma abordagem nortista, a gente precisa disso, disso, disso, a gente é constituído disso, disso, disso. Aonde, colegas, eu encontro isso escrito, desenhado, gritado, cantado, fotografado, imagético, para eu poder dizer, olha Rita, agora a gente quer a nossa educação infantil no norte, e é a busca dessas especificidades. Quais são as nossas especificidades? Onde elas estão? Porque Mário de Andrade fez todo um percurso? Vamos falar do Mário, né?, sempre falar do Mário. Ele fez toda uma viagem antropofágica e escreveu o livro *Turista Aprendiz* para dizer desse Brasil, das diversidades, e a gente, que aí é uma discussão que a gente precisa avançar, não é agora, nós somos múltiplos, nós somos interculturais, nós somos multiétnicos, e isso é a nossa especificidade. A gente está afirmando isso há um tempão, a gente avançou nisso? Pouco, a meu ver, a gente não vê as nossas diversidades, as nossas sociodiversidades, como estandartes, como abordagem, como especificidade, no processo educacional como um todo, e não só na educação infantil! Então, se as nossas especificidades não são visíveis, né, não são, não viraram senso comum nas narrativas formativas, teóricas e pedagógicas do fazer educacional, então, talvez nosso movimento tenha que ser outro. Nós vamos afirmar as nossas diversidades a partir das nossas especificidades, e aí nós vamos fazer isso no norte, nós vamos fazer isso no nordeste, nós vamos fazer, porque eu acho que o sul meio que já faz, né, tem uma coisa ali meio constituída, que eles, né, discutem com outros, olham para fora, buscam ali, coisa, e o

sudeste é a referência homogeneizadora do Brasil, é a referência do Brasil, né? A política brasileira, educacional brasileira, ela nasce, ela é escrita, os centros de pesquisa, as grandes universidades, os principais pesquisadores, as principais revistas, as principais entidades acadêmicas da educação brasileira estão no sudeste. Então, é a partir desse lugar que o Brasil é homogenizado. Mas aí vamos pra outra conversa de outro dia E aí, né, a busca de novo de como identificar nossas especificidades, né, e aí eu acho que é isso novamente coletivamente, nesses diálogos, nessas mesas, né, no ver, na troca, nas circularidades, mas também ecoando os tambores, fazendo as fumaças, fazendo as danças, trazendo isso por fora, trazendo isso pelas crianças que brincam na rua como Roberto, né, as crianças na feira, as crianças que estão, né, nos territórios, vizinhos às instituições, mas que, por exemplo, as nossas crianças aqui, quando chega maio, elas começam a ensaiar pra se apresentar em um mês de junho e julho no Cacuriá, no Bumba Meu Boi, no Tambor de Criola e em outras duas danças menores com pouca projeção, né, até dentro do nosso território Mas são crianças que elas dançam, que elas ensaiam, que elas têm uma indumentária, né, que elas vivem a cultura popular nos seus territórios, sejam eles rurais ou urbanos, e elas dançam e elas circulam na cidade à noite pra dançarem, pra se apresentarem. E essas crianças noturnas, como o Bachelard, né, escreve o Bachelard diurno, o Bachelard noturno, né, e aí essas crianças noturnas, como é que elas chegam no outro dia nas instituições de educação infantil, como elas são acolhidas? Como a experiência noturna de quem dança, de quem se apresenta, de quem desbrava as cidades, os arraiais, os terreiros, entra adentra a instituição? Então, esses questionamentos eles me povoam e aí, quando eu vou falar sobre busca de especificidade, eu queria só citar um exemplo, se o slide puder voltar, esse slide ele é bacana, porque ele tem uma imagem que é da frente, Nordeste Criança, que foi um movimento que a gente incluiu a partir Da experiência do consórcio do Nordeste, que foi formado, né, já vinha uma ideia, mas a forma consorciada de gestar a política, a gente está chamando isso de uma inovação social, uma inovação em forma de gestão. Então a gestão a consórcios educacionais, a consórcios da linha férrea, quantos minutinhos? Deu meia hora Tá, tá, então vou cuidar E o consórcio do Nordeste, ele foi essa experiência de a gente tentar buscar especificidades, e aí essa especificidade, ela ficou nessa discussão política, né, entre pesquisadores, pesquisadoras nordestinas, para pensar a infância e as crianças, e a gente avançou um pouquinho em alguns debates, fizemos pesquisas, fizemos publicação, mas novamente caímos naquilo que eu estava falando, percebemos as nossas diferenças, afirmamos as nossas diferenças, mas não conseguimos afirmar especificidades. E aí essa questão de

por onde passam as nossas especificidades é a questão que mobiliza. E aí eu trago um slide depois desse, que fala desse Maranhão Amazônico, 75%, e aonde eu tento falar isso na política educacional, e novamente a gente não tem uma briga, uma perturbação ou uma reclamação, como disse o Olívia, a gente não reclama isso para a gente Olívia, não tem ninguém reclamando dentro da educação infantil o que a gente está reclamando aqui, sabe? Teoricamente, na universidade, dos colegas, então eu pergunto assim, por que a gente não está reclamando isso? É uma coisa assim, tu que está reclamando, como é que tu pensa isso que a gente não está? Aí eu queria finalizar no processo aqui, são duas citações, que o autoconhecimento, o nós, nós somos o outro do outro, então o Maranhão é o outro do sudeste, mas também é do nordeste, mas também da Amazônia, o Maranhão é o outro do outro, e que esse ponto de vista que busca a discussão intercultural e cultural é o reconhecimento das diversidades, mas às vezes eu acho que o Brasil faz isso dizendo de nós, nós somos o outro do Brasil, do sudeste, e aí nós somos esse outro, então reconheça a diversidade do outro, o outro nortista, porque isso está sendo falado pelo sul e pelo sudeste, mas e nós? Como a gente se auto reconhece que eles são o nosso outro, onde a gente diz, vocês são o nosso outro, e aí joga a bola, e devolve esse questionamento. Essa abordagem da diversidade, para a gente, as imagens que são fotos minhas ao longo dos outros slides, das culturas, das tradições, das crianças brincando, é para trazer esses elementos simbólicos, enquanto constituidores culturais, simbólicos, sociais, econômicos, mas como esse auto reconhecimento desses elementos, nessas cores, nesses elementos naturais, de água, de floresta, de fogo, de terra, e como isso constitui a nossa palheta de cores dentro da educação infantil, como se constitui a nossa materialidade, nosso cesto do tesouro, e todos os nossos tapetes, os nossos móveis, como essa materialidade passa a estar nesses lugares. E aí, finalizando, quem além de nós, nortistas, e aí eu vou falar, amazônicos, para nos reconhecer, para falar de nós, para afirmar o nosso lugar, para discutir as nossas especificidades, para defendê-las? Porque se a gente não fizer isso, infelizmente a Rita Coelho, lá do MEC, que é a nossa companheira, colega, eu estou citando a Ritinha, porque ela é gestora da coordenação de educação infantil no MEC, né, uma autoridade educacional, da política nacional de educação infantil, pode passar, que eu já passei desse, eu pulei esse, eu estou no penúltimo, passei esse também, e aí tem duas crianças nesse outro slide, crianças brincantes, esse, né, e aí eu cito a Rita porque ela figura essa pessoa que tem acesso ao movimento social de educação infantil e, ao mesmo tempo, gestora da política educacional. Então, se nós não formos ao encontro dela, pode colocar esse último, se

nós não formos ao encontro dela, dizer das nossas especificidades e lutar por elas, nós não vamos tê-las dentro da educação infantil. E essa é uma preocupação e uma defesa, né, tem um slide com uma citação, que é sobre essa questão do simbólico, da materialidade, a cultura se apoia na capacidade de simbolizar, isto é, de dar significado, o símbolo é algo que se coloca no lugar de outra coisa e representa os símbolos, no caso aqui o Bumba meu boi, as penas, o multiétnico, a trança, né, a nagô no cabelo da brincante, que ela tá de índia do boi, mas ela é uma menina negra que tá com uma nagô, com um pena, com um cocar lindo, super colorido, para dançar no boi E aí o boi, ele condensa essas duas culturas, né, a indígena e a cultura dos povos negros, e esse simbólico não está dentro da nossa especificidade afirmada E aí eu finalizo dizendo isto: nós somos, enquanto nortistas, nordestinas, multiétnicas e multiétnicos, nós somos natureza, nós somos corpos ritmados, somos corpos das circularidades, dos trançados, nós somos práticas interculturais, todas as nossas práticas, a maioria delas, já são interculturais, não é a formação que é intercultural, a teoria que busca interculturalidade, né, mas esse entendimento, nós somos saberes ancestrais, somos territórios, somos cosmos. E aí essa última citação é do Milton Santo, ele diz assim, nós somos pessoas do tempo lento, o tempo lento é o nosso poder, né, pessoas do tempo lento, onde a solidariedade são incessantemente criadas, a nossa temporalidade lenta, nós somos territórios, mas nós somos também um tempo e o nosso tempo não é o tempo do urbano, o nosso tempo não é o tempo do sudeste, as nossas formas de se alimentar, de se vestir, de fazer tudo, é numa temporalidade totalmente diversa dos povos que não são do norte E isso, eu acho que constitui também esses elementos de especificidade que a gente precisa trazer para o debate na educação infantil, na formação docente, mas no chão das instituições. Queridas e queridos, Ana, obrigada, desculpa por me deixar exceder aí esses minutinhos, finalizo aqui.

Ana Lúcia: Muito bom, muito obrigada, então vamos, já vou decretar que a gente, dando meia hora aqui para a Evelyn, que a gente vai até às 12h 15, ao meio de , para a gente, aumenta minutos para o debate, eu tô vendo que não tem nada no chat, né, tem alguns comentários que eu acho que cada um foi lendo, mas a minha mãe é amazônica, isso mesmo, e então vou passar, Evelyn, a palavra para você, e tô falando que são 11h20, é isso, e você vai então até 11h50, tá bom?

Evelyn: Muito obrigada. Agradeço muito pelo convite, professora Ana Lúcia. Sou professora Evelyn Lauria, professora aposentada da Universidade do Estado do

Amazonas, ainda sempre pesquisadora, pretendendo fazer o pós-doutorado e atuar. Queria parabenizar o título do e-book de vocês, que eu sei que é muito trabalho para chegar ao e-book, são muitos acordos, muitas situações, e então direito das crianças a ter direitos, infância e políticas para a educação das crianças; parabéns por esse trabalho. Eu queria mostrar a capa do meu livro intitulado: As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras-perambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância. Queria falar, sim, que esse livro saiu na ocasião do meu doutorado, que eu terminei em 2011, defendi na Universidade do Minho em Portugal, mas essa pesquisa foi toda realizada em Manaus, toda realizada nas feiras de Manaus. Desde a minha trajetória no mestrado, a minha primeira indagação era sobre esse hiato entre os intelectuais na universidade e o povo, a comunidade, e a vida lá fora. Para mim, sempre existiu um hiato e eu queria questionar sobre esse hiato, e assim eu estudei o Gramsci e trabalhei "A formação do intelectual orgânico em Gramsci: Uma alternativa para as classes subalternas". Alguns colegas acompanharam meu trabalho aqui, como a Adria, nesse período, e talvez outros, a Meire, não sei, mas enfim, para falar da minha inquietação, do lugar de onde eu saí, eu estava sempre, e estou sempre incomodada, e nós possamos fazer a diferença onde a gente estiver. Depois, então, eu fui fazer o doutorado, e aí pensei o tempo inteiro nas crianças, me perguntava "o que eu quero?" Quero estudar sobre as crianças. E aí, "crianças de onde?" "E onde?" As crianças trabalhadoras das feiras de Manaus. E assim eu fiz esse trabalho durante um período longo de observação, tanto pela manhã, à tarde, à noite e de madrugada. Então, eu ia, nesses turnos, para observar aquilo que acontecia, que todos falavam, o trabalho infantil. O trabalho infantil é proibido, pronto, é proibido, mas as crianças estão na feira. Então, essa tese sobre a imagem da infância nas feiras de Manaus, ela foi sustentada a partir da investigação na qual a imagem construída da infância que circula nas feiras torna o trabalho infantil natural nas práticas sociais, nesses lugares. E aí, eu estou fazendo questão de falar sobre esse assunto, já que esse é o objetivo aqui, trazer as contribuições dos trabalhos que estão sendo feitos neste lugar. Por quê? Porque hoje o trabalho infantil continua sendo uma temática forte. Eu terminei meu doutorado em 2011, e hoje estou acompanhando várias pessoas estudando, inclusive para esse Enem Nacional, que será realizado amanhã, e vejo as pessoas estudando sobre a questão do trabalho infantil, a questão do trabalho escravo. Portanto, as práticas sociais parecem que estão o tempo inteiro nos mostrando que isso ainda existe e que nós precisamos combater. Então, esse processo de reconhecimento, esse processo de afirmação dos direitos das crianças, ele constitui uma conquista da sociedade, um desafio para que se

torne efetivo nos quadros da atualidade. Hoje, o Roberto começou dizendo que infelizmente eles ainda não são efetivos no mundo, eles não são efetivos no Brasil. Então, nós sabemos que neste cenário globalizado, esses direitos têm sido solapados, e nós percebemos um grande abismo que se faz presente entre as diversas infâncias vividas, ainda que na sociedade globalizada a infância seja estabelecida de forma universal, mas não é universal. E aí eu chamo atenção de que a gente precisa sempre, cada vez mais, mostrar essa emergência dessa temática, a temática infância, a temática do trabalho infantil, a temática da violência, portanto, da educação infantil também. Então, há uma emergência do entendimento sobre essa singularidade das diversas infâncias que sinalizam essas exigências reais da nossa sociedade. A professora que acabou de palestrar falou sobre as peculiaridades e quem fez, como eu, um doutorado fora do Brasil, consegue perceber claramente como as pessoas não têm ideia do que significa a infância no Amazonas, na Amazônia, em Manaus, é diferente. O Norte e o Nordeste têm outras especificidades e é preciso que essas especificidades sejam pontuadas, sejam estudadas, sejam levadas em conta, que muitas vezes a gente se perde também. Então, é assim que eu começo dizendo sobre esse meu trabalho que foram com as crianças nas feiras de Manaus. E aí eu queria também dizer que depois desse trabalho, eu fiz uma graduação, como Roberto citou no início, em Direito, logo depois do doutorado, e também trouxe para a instituição, que era o UEA também, Universidade do Estado do Amazonas, essa discussão sobre o direito das crianças à educação, mitos e controversas sobre o trabalho infantil. Por quê? Porque a gente diz que não há trabalho infantil, mas há trabalho infantil, todos nós sabemos. Há crianças trabalhando. Na minha tese, eu sustento isso, não é uma questão só de mendicância, há crianças que trabalham, e aí na minha tese que está à disposição na UEA, na editora da UEA, vocês podem verificar isso. Estão falando da minha trajetória, certo? E depois disso, eu fiz uma pós-graduação em Direito Público, também na Universidade do Estado do Amazonas, onde eu trouxe também essa discussão sobre infância, mas agora na perspectiva da criança com direito à cidade. Nós temos uma criança que não tem mais direito, não tem mais direito à cidade, crianças confinadas. Então vamos agora para o meu próximo slide "Crianças atentas, cidades amigas: o lugar dos direitos". Todos vocês sabem disso que estão aqui, as crianças têm sim sido vítimas de todas as formas de violência, porque quando a gente não tem direitos respeitados, nós somos violentadas. Então eu começo a dizer assim, é preciso entender que essas temáticas são importantes, porque a gente precisa chamar a atenção das pessoas de que as crianças elas estão atentas. Parece que tudo que nós falamos aqui ou na universidade, parece

que as crianças não pensam nos assuntos. E quando a gente aprende a escutar as vozes das crianças, quando essa escuta, ela é uma escuta ativa, portanto, nós percebemos que as crianças estão atentas ao que acontece no mundo, sempre estão atentas. E aí o que elas nos trazem? As crianças nos trazem a possibilidade de a gente pensar novos inícios. E aí eu chamo a atenção que aqui todas essas falas nós poderíamos fazer um retorno e pensar que seriam propiciar novos inícios, novos caminhos, mas a partir das crianças, a partir disso que as crianças estão clamando “Como isso?” De um saber, a capacidade, os lugares de poder são lugares que reproduzem todo o sistema que nós vivemos. É um sistema absolutamente competitivo, competitivo é o que está sendo colocado? As crianças também estão sendo empurradas para essa competição, para esse individualismo. Então elas podem nos dar que a todos os nossos estudos e as nossas pesquisas e a nossa convivência, que é a nossa convivência coletiva aqui, que foi muito salientada, que é preciso ter um saber, um saber mais leve que é o saber das crianças, um saber menos competitivo, a contramão desse sistema, um saber que honra as crianças, honra as crianças das nossas regiões, honra as crianças, como vocês bem salientaram, as crianças indígenas, os saberes também. Então, se a gente faz todo um discurso, e eu trago isso hoje, todo um discurso sobre as crianças, é preciso ouvir as crianças e é preciso honrá-las. A nossa sociedade não honra as crianças, não cuida das crianças, muitas vezes percebemos que as crianças sabem demarcar os seus espaços, elas sabem demarcar. Mas nós às vezes, a gente esquece das próprias crianças e a gente esquece de dar espaços de poder, espaços de status, e olha muito pouco para as crianças. Me desculpem por dizer, mas assim eu sinto, isso é um sentimento, eu acho que a Fabiana também me provocou muito, viu, Fabiana, e as outras colegas também, porque parece que a gente está desconectado das crianças. Então esse é um desafio. Aprender também a brincar com a vida, como você fala aí das circularidades. As crianças nos ensinam a brincar com a vida, a olhar nos olhos, a dizer que adianta uma ciência, que adianta a gente lutar tanto, a gente está lutando por políticas públicas, nós temos uma história de luta por políticas públicas, mas nós esquecemos de fazer essa inversão, que é essa inversão que parto. O tempo inteiro nós estamos numa sociedade adultocêntrica, e nossos discursos são adultocêntricos, e há autoras que já trabalham dizendo que se você passa a ouvir as crianças, você passa a ter mais saúde mental. A gente está ouvindo muito uns aos outros, mas não ouve as crianças. Então é preciso que a gente acredite na intensidade, na capacidade criadora da criança, e consequentemente do outro. Ela tem uma capacidade criadora, e a gente precisa resgatar isso. As crianças são, desculpa, eu fico extremamente animada com isso, e

pensando, e preocupada também ao mesmo tempo, porque as crianças são absolutamente revolucionárias, e eu vejo todo mundo falar de revolução, e rejeita as vozes das crianças, falam de revolução, mas não escutam as crianças. Todo o processo educativo, que é do mesmo, às vezes a gente está repetindo a mesma coisa, mas esse discurso muitas vezes não alcança as crianças, por quê? As crianças são totalmente onde elas chegam, elas aproveitam o espaço onde elas chegam, elas aproveitam a vida, elas constroem experiências onde elas estão. E a gente, nós somos o tempo inteiro massacrados por esse sistema, e nós internalizamos tanto essa competitividade, que nós desaprendemos o que é a criança. Nós desaprendemos. Então as crianças são resistentes a toda essa vergonha do presente. Realmente é uma vergonha o que vivemos, é uma vergonha na medida em que nós estamos cada vez mais com um discurso, e o nosso processo de humanização parece que não se faz presente. Nós perdemos muito por não ouvir as crianças, muito. Acredito que pensar a educação, as políticas para educação, é pensar com as crianças. Claro que eu tô aqui e toda minha tese de doutorado do trabalho infantil foi baseada na teoria da sociologia da infância. Esse livro que está na editora da UEA foi prefaciado pelo professor que eu tenho a honra de ter sido meu orientador, professor Manuel Sarmento. Aqui eu faço menção que eu aprendi com ele essas coisas. Então o que fazer, colegas, amigos, aqui de tantos anos, Fabiana, o que fazer? Nós vamos ter que desobedecer, nós vamos ter que desobedecer esse discurso elitista, adultocêntrico. Nós vamos ter que desobedecer, nós vamos ter que encontrar uma porta giratória, como as crianças encontram. A gente tem que encontrar dentro da universidade, dentro dessas nossas escritas, essa porta giratória, visualizar não somente as leis. Nós que somos, eu sou advogada hoje, a gente não pode só olhar as leis, é preciso a gente resgatar os afetos. Como advogada eu olho as leis, mas eu preciso pensar em educação infantil também a partir dos afetos. A vida sem afetos é inócua e as crianças nos oferecem isso, elas fazem a gente saber que sem afetos não tem nada e eu diria que vale uma ciência sem afeto. Nossa história é repleta de desenhos, todo mundo que falou aqui começou a desenhar e a redesenhar um pouco de alguma coisa que se expressou antes sobre sua infância etc. Nossa história é assim, é repleta de desenhos. Políticas para a educação das crianças precisam deixá-las desenhar para nós, a gente não deixa as crianças desenharem essas políticas, por isso, às vezes, elas ficam tão distantes de nós. Qualquer coisa que a gente pense para elas e com elas deveria ter uma proposta de pensar a potência e a criação. Eu gostei disso e a Fabiana também, é isso mesmo eu tenho que pensar essa potência tenho que pensar nesse potencial que está na criança e que não é para o futuro que é para o presente.

Porque o futuro ninguém conhece, e o adulto ele não tem todo esse equilíbrio que ele demonstra, o adulto não tem, nenhum de nós tem todo esse equilíbrio, porque parece que quando a criança vai chegar a ser adulta e ela vai ter esse equilíbrio total ela vai saber escolher tudo, ela vai saber sobre tudo, e isso não é verdade. Agora eu digo, a criança ela encontra saídas o tempo inteiro, a criança aprende a improvisar e ela ensina cada um de nós a improvisar também. Eu sei que é um discurso, é uma fala um pouco emocionada, mas aí eu volto para o slide e digo: infâncias realidades distintas, nós não temos uma infância só, não podemos mais pensar assim, há uma demarcação por diferenças e por desigualdades em todos os lugares. As crianças antes, vocês sabem mais do que eu, o tempo inteiro estudam isso em Philippe Aries e outros, as crianças eram consideradas mini-adultos, mas agora, só depois de 1500 elas passam a ser vistas como seres em constituição, nós temos, é claro que eu não vou fazer resumo disso para vocês. Vocês conhecem muito bem, esse público que estava aqui conhece muito bem isso, mas eu queria chamar atenção para o que a Constituição diz, que é o artigo 207 a responsabilidade compartilhada entre a família, a sociedade e o Estado. Como é que é que nós devemos fazer a tantos autores trabalhando e dizendo: nós não podemos deixar para lá as crianças porque as crianças ocupam nosso tempo, o tempo cronológico e o tempo psíquico elas estão sempre em nós. A minha criança está em mim sempre, essas crianças, não é só eu quem digo. Os psicólogos dizem isso os estudiosos nesta área do comportamento etc. as crianças ocupam o nosso tempo, fazem parte desse tempo cronológico, desse tempo psíquico. Todo o trabalho com a educação infantil, todo o trabalho com crianças devem pensar que é um trabalho interdisciplinar, deve ser tratado numa perspectiva disciplinar, porque nós temos aqui diversos direitos violados, tudo que nós falamos aqui fala de algo que se chama violência e a violência, ela tem vários modos de se apresentar às crianças, elas são vítimas e violentadas muitas vezes de todas as formas quando a gente não conhece quando a gente não escuta nas casas nas famílias, quando os pais estão com raiva, quando os responsáveis estão com raiva, quando oprimem as crianças, quando as crianças estão confinadas em apartamentos o tempo inteiro vítima de um sistema que não preserva mais a segurança das crianças, das pessoas nas ruas, abusos todo tipo de estresse tóxico porque as crianças acessam as tecnologias e as tecnologias são maravilhosas claro que são maravilhosas mas todo mundo sabe também do excesso disso quando a criança não tem possibilidade portanto de brincar. Então nossa Constituição Federal cidadã que as pessoas querem ultimamente destruir nossa Constituição falar assim como querem destruir os nossos professores pesquisadores as nossas universidades e agora que né estão conseguindo

respirar a nossa Constituição põe as crianças em primeiro lugar e quando a Constituição Federal põe as crianças em primeiro lugar isso fala de um projeto de sociedade queremos, se ela é prioridade, se ela é prioridade absoluta. Qual é o que projeto de sociedade que queremos? Nós sabemos que a infância no Brasil não é fácil para a maioria ou para uma grande parcela das crianças não é fácil viver uma infância no Brasil, é desafiador e nós estamos aqui nesta manhã para conversarmos sobre essas políticas sobre esses direitos das crianças e pensar que é preciso verdadeiramente que a lei se faça efetiva. As crianças precisam ter prioridade e elas são prioridades dentro das prioridades, é por isso que a gente está aqui, é por isso que a Adria está aqui, que a Célia tá aqui e todos esses estão aqui. Então, o que nós estamos vendo o tempo inteiro é isso, o tempo inteiro temos o contraponto numa sociedade onde o tempo com as crianças é cada vez menor, a gente anuncia, nós temos de olhar e escutar as crianças, mas nem os pais têm tempo para as crianças e, às vezes, nem os professores conseguem ter tempo. Eles são grandes professores, são tantas coisas e são tantas nuances para analisar e para se fazer que é difícil esse tempo nosso está verdadeiramente precarizado e o tempo que a gente dedica para as crianças e alguns autores falam isso. E não sou só eu quem está falando, pais distraídos, não observam não escutam as suas crianças com outros afazeres e com muitas responsabilidades, porque precisam sustentar suas crianças. Uma escola, como dizem alguns autores, uma escola que muitas vezes não prepara para comunicação, nós estamos na era da comunicação, mas preparamos ainda as crianças para a obediência como disse a professora Ana Lúcia Goulart, para obediência, para o silêncio, muito recentemente eu escutei um exemplo um lugar que eu estava, e as Crianças nesse lugar nessa escola não podiam ficar falando muito, eram cerceadas, estavam fazendo o que mais a mãe leva, olha a sua criança tem algum problema, levar para um médico aí o médico medicaliza o que está acontecendo com muitas das nossas crianças, não estou falando aqui nenhuma novidade. Uma escola que deve preparar para a comunicação as crianças elas são repletas de atividade, mas são pouco ouvidas, ninguém quer escutar as crianças a comunicação não é valorizada. E o artigo 4º do ECA fala também dessa perspectiva do Estado, dessa prioridade absoluta que são as crianças, então uma escola que muitas vezes está muito mais preocupada em preparar crianças para um futuro que ninguém pode saber se existira ninguém sabe se existirá esse futuro e a escola infantil tem que sempre...

Ana Lúcia: Você consegue terminar em 5 minutos?

Evelyn: Consigo, então uma escola o tempo inteiro, que é preciso preparar as crianças não para o futuro, mas o presente, esse é o contraponto, vão preparar as crianças para o presente, vamos deixar elas viverem esse presente porque o futuro ninguém sabe se existirá, a valorização também excessiva do desenvolvimento da cognição em detrimento do desenvolvimento intuitivo. Vocês que são aí do estágio vocês sabem quando a gente vai supervisionar a escola do quanta gente vê isso né, pouca arte que existe nas escolas, a gente precisa resgatar isso, excessos de tarefa para casas, as crianças chegam em casa e têm um monte de tarefa para casa, elas não têm mais tempo livre, elas não podem saborear o tempo livre, uma escola numa sociedade que não investe tempo em conversar com as crianças o que também tem contribuído para a saúde para diminuição da Saúde Mental das pessoas não só das crianças né os adolescentes se cortando, várias discussões sobre isso que já se tornou um fenômeno, as crianças, ninguém sabe porque as pessoas incentivadas de maneira exacerbada a competição. Boa parte das crianças estão com excesso de compromissos, e com excesso de compromisso dizem: Estou entediada de tantos compromissos. Perderam o tempo das brincadeiras, como nós brincamos, como todos nós brincamos, quando brincar seria uma possibilidade de lidar com situações tóxicas do mundo contemporâneo e olha o nosso mundo está extremamente tóxico e a gente tem que tomar cuidado com isso. A educação infantil tem sim uma luta, eu penso que isso é uma luta é uma pauta, porque a infância é um momento para desenvolvimento da capacidade das crianças e o que nós vemos, muitas vezes, é um processo de desumanização que aparece de diversos modos. Então a própria escola torna-se um trabalho infantil porque a gente sabe que é trabalho infantil também só que ela torna-se às vezes um trabalho infantil, porque ela mira para o futuro o tempo todo mirando para o futuro então a falta de afeto como necessidade, o afeto é um direito, a gente tem que compartilhar a vida com outro, estou chamando atenção aqui para uma agenda que priorize as crianças na educação infantil, para crianças com as crianças uma escola que faz parte deve fazer parte de uma rede de proteção das crianças, que reconhece de vulnerabilidade do território onde atua, uma escola que compreende a violência como uma expressão multifacetada que a gente possa realmente fomentar políticas públicas mudança para as crianças investirem na infância uma educação infantil. Sabemos que é dever do Estado oferecer uma educação gratuita, uma educação de qualidade, o desenvolvimento integral da Criança e aí quando a gente fala de desenvolvimento integral é também o desenvolvimento intuitivo, deixar também a

criança brincar uma educação pautada para as experiências das crianças que respeitem a alteridade. Educação infantil é um espaço coletivo. Eu teria muitas outras coisas a falar neste meu discurso inflamado. Muito obrigado.

ATO II – INTERVENÇÕES

Ana Lúcia: Os discursos foram inflamados, cada um dá sua moda né. Nos conteúdos nas formas. Parabéns gente gostei demais dessa mesa, achei muito provocadora de conceitos, alguém até falou a frase bem explícita. A Evelyn que falou “é no capitalismo vocês acham que a criança é universal, mas ela não é”. Então isso foi bem importante, eu vou então fazer o seguinte se a gente fizer meia hora de debate a gente pode ir até o meio-dia e vinte, eu diria que não vamos ter tempo para aprofundar algumas desses temas né que vocês elegeram para falar das contribuições amazônica da Educação Infantil. Então ninguém nem ficou preso na própria tese de doutorado. A Olívia deu uma boa volta, a própria Evelyn agora também, eu não sabia dessa sua trajetória também. Da Olivia conhecia, da Patrícia eu conhecia e também gostei muito da Celia que aí eu conhecia os trabalhos. Você citou um trabalho que você tem com alguém, citou o Roberto. Então abriu também esse leque para quem é do Sul do Sudeste e então acho que vai ser bem importante depois na apresentação. Eu até ia ler a apresentação que a gente fez, mas não vão usar o tempo para isso. Mas eu vou acrescentar essa diversidade né ouvindo vocês chamar atenção do leitor e da leitura da revista que eles vão encontrar nessa essa diversidade porque a pergunta um pouco é essa. Então o que vocês estão falando vocês também acham que não acontece no Sul, no Sudeste né porque na verdade os livros que se lê de pedagogia eles são ocidentais, coloniais, brancos e no sul e sudeste. Então é um viés da formação de vocês do curso de pedagogia, se não é como hoje a Vanderlete, o Roberto que estudam inclusive educação escolar indígena, incluindo todas as línguas, considerando a diversidade linguística, a formação de vocês também seria essa formação sudestina branca. Então eu acho que vocês devem ter dado uma boa pirueta aí para ter chegado onde vocês chegaram. E cá entre nós né Evelyn, você ainda foi na matriz, ainda não colonialismo né porque o Sarmiento tem muitas qualidades, mas ele é um colonizador, ele não perdoa os brasileiros e as brasileiras, ele não perdoa mesmo. Então achei muito interessante, você até elogiá-lo que ele faz o prefácio, fiquei super curiosa de ver seu livro. Mas não é fácil se afastar do colonizador e o caminho que vocês fizeram, veja você até no jurídico né Evelyn, o Roberto também é advogado. Então vocês vão ler aí no livro. Leiam aí o

Alexandre que é o advogado do movimento Somos Todas Professoras, sabe de onde vem esse somos todas professoras? Porque os municípios do interior, eles ficam querendo que tenha nome de agente, monitora, atendente, que já foi pajem e outros nomes, para poder pagar diferente, porque se chamar de professora, a prefeitura por obrigação precisa pagar igual porque o trabalho é igual, elas fazem tudo igual, então o salário deve ser igual também. Mas eles querem ter um nome diferente, então surge esse movimento. Ele entrou na luta mesmo, arrumaram inclusive advogado, não queremos de jeito nenhum, somos todas professoras, temos que responder como professoras e ganhar como professoras. Então achei bem provocador, tem muita coisa nova. Eu que sou do sul, sou ligada, tenho uma transa aí com vocês, mas nos estudos não. Agora recentemente que a gente pode ler o Krenak, o Kopenawa, então a gente tá tentando conseguir até que ele venha no seminário, 16 a 18 de outubro. Conto com vocês lá, quero ver, quero abraçar vocês, venham lá. Para você não é longe né Fabiana, você também podia vir, não sei se a Olívia porque ainda vai estar por lá. Escuta nós temos uma primeira mão levantada, Maria de Fátima, e depois temos agora a Olívia. Tá bom, então vamos começar com vocês duas, fazemos essas duas e depois vamos passar a palavra para mesa e se não tiver outras pessoas, vocês podem usar o tempo até o horário. Olha, como eu também falei 5 minutos, então vamos marcar que a gente vai até meio-dia e meia tá bom? Vocês podem ficar meia hora? Eu acho que a Fabiana tem um problema né? Você pode ficar, Fabiana, você falou que precisava sair.

Fabiana: Eu posso ficar mais 15 minutos, assim aqui vai ser 1:15h, mas aí depois disso eu não consigo muito mais. Mas eu acho que...Já são...Faltam cinco para uma, então eu tenho mais 5 minutos.

Ana Lúcia: Então você fica e será a primeira a falar depois que a Maria de Fátima e a Olivia falarem, a gente começa por você e você fica o tempo que você puder, porque talvez, vai ter só essa rodada, muito bem. Então Maria de Fátima, cadê você?

Célia: Ana, eu acho que a Maria de Fatima caiu internet. Ela saiu da reunião.

Ana Lúcia: Ela estava com a mãozinha levantada agorinha mesmo.

Celia: Isso, mas aí depois disso ela saiu da reunião, acho que caiu a internet para ela.

Ana Lúcia: Então começa com a Olivia falando. Quem sabe ela volta né porque aqui na lista o nome dela Maria de Fátima Machado está aqui, é mais já faz uma hora que apareceu aqui. Então vamos lá começa a você Olívia.

Olivia: Oi gente gostaria de agradecer as pessoas de todo mundo. Evelyn gostei muito da sua fala. Acho que deu um encerramento super bacana assim, e eu atualmente moro em Luxemburgo, um país bem pequenininho do lado da Alemanha, do lado da França também, e é muito diferente o quanto as brincadeiras não giram em torno dos dispositivos, celular e tablet, e a minha filha é uma criança que tem sete, quase oito anos, e não é uma criança que faz muito uso desses dispositivos. E quando ela vem para o Brasil, acho que tem essa classe média que acha que isso é muito bom, se você encher seu filho de dispositivos, celular, tablet, a gente vai no restaurante e vê todas as crianças com celular. Isso é uma negação de um direito de convivência. Se nós formos a um restaurante e eu ficar assistindo um vídeo no celular, você vai falar poxa que sem tato, que ignorância, não tá aqui conversando com a gente. Mas a gente vai lá e força isso nas crianças. Mas bom, o que eu queria falar gente é que eu preciso sair, devolver a sala aqui da universidade para o meu colega Rafael, e queria agradecer a todo mundo por essa mesa, eu gostei muito de estar aqui com vocês, eu gosto muito de estar com colegas do Amazonas, isso é muito importante para mim, eu não estou no Amazonas já há muitos anos, fazer mestrado, doutorado em outros espaços, e sinto muita saudade, essa mesa significa muito para mim, e uma provocação que a Ana fez sobre o Sul e o Sudeste, eu gostaria de dizer assim que, por exemplo, o Rio Grande do Sul tem um dos maiores vestibulares indígenas, desde 2008, a UFRGS tem um grande vestibular indígena, a Unicamp também com provas locais, e eu acho que é super importante a gente levantar esses marcadores de diferença do Sul e do Sudeste também, porque isso é uma construção, uma invenção de que são descendentes de alemão, descendentes de italiano, que é uma verdade, a gente sabe, mas existem grandes marcadores de diferenças nesses territórios, e acho super importante a gente levantar essa pauta também, a gente sabe que a Amazônia é um território indígena, mas São Paulo também, Rio Grande do Sul também. E tentar descortinar os movimentos que criaram o imaginário desses lugares como lugares de pessoas brancas, eles não são, não devem continuar sendo vistos assim, dessa maneira, e vou me despedir aqui de vocês, gente, agora meio-dia, e muito obrigada, gostei muito de estar

aqui com vocês, Fabiana tem meu contato, Ana Lúcia tem meu contato, quando quiserem bater um papo, só me chamar, gente.

Ana Lúcia: Então eu vou passar a palavra para a Thelma, que levantou a mão, e daí já passamos para...ai, não deu para falar obrigado, nem tchau para Olívia.

Thelma: Bom dia, boa tarde, boa tarde, que a gente está com diversos fusos horários, eu me chamo Thelma, sou doutoranda do programa Rede Educa Norte do Polo FAM, e minha orientadora é a professora Carolina Brandão, então eu quero parabenizar toda essa rede de pesquisadores potentes, e achei muito legal que a maioria é mulher, quero expressar a minha emoção de estar aqui participando a convite da minha querida amiga e colega Evelyn também, que faz parte dessa equipe, Célia Bettioll, quero cumprimentá-la, que nós somos colegas no mestrado, orientandas da mesma professora Valéria Weigel, que é uma referência na educação escolar indígena na Amazônia, um abraço para a Adria também, que fomos colegas na rede Salesiana, Dom Bosco, enfim, professor Roberto, parabenizá-lo, sempre na luta pelas crianças também, então professora Ana e mais colegas, Fabiana, essas pesquisas, eu fiquei imaginando aqui, durante a minha pesquisa de mestrado, na terra indígena do povo Satere-Maué, onde eu estava observando uma criança, que ela estava brincando, ali sua mãe próxima nos seus afazeres domésticos, ela estava brincando com uma palha do açaí e uma faca, aliás, não era uma faca, era um facão. Então aquilo me causou um espanto muito grande, mas ao mesmo tempo eu percebi que a sua mãe olhava aquilo com maior naturalidade e com mais tranquilidade, então eu fiquei curiosa com a pesquisa de vocês, e acho que ela é muito importante nesse momento, né, como que...

Ana Lúcia: Cadê a Thelma? Caiu?

Fabiana: Caiu.

Ana Lúcia: Puts...Interessante, ela caiu na hora que ia fazer a pergunta ali...

Fabiana: Na hora da pergunta.

Adria: Foi na hora mesmo, exata.

Célia: Mas é um estranhamento isso mesmo da gente, observar nas aldeias, né, esse fazer as brincadeiras com as crianças indígenas, que essa ideia de um cuidado, né, que é dos pais que às vezes a gente fica, meu Deus, está pegando a faca, meu Deus, está pulando no rio, meu Deus, está fazendo isso, meu Deus, está fazendo aquilo, né, mas não é, é esse manejo das espécies, das plantas, dos animais, das florestas, das águas, dos rios, que as crianças indígenas aprendem desde pequeno, né, desde muito pequenas ali no fazer comunitário, né, eu acho que é interessante essa, eu e a Adria já conversamos bastante sobre isso, né, aí a Thelma voltou!

Thelma: Gente, desculpa, é que acabou a bateria e eu não percebi.

Ana Lúcia: A Fabiana vai precisar sair, aí a Fabiana já comenta, a Olivia e você fala lá.

Thelma: Pronto, então, o que eu queria saber é o seguinte, né, como que vocês pensam nessas pesquisas de vocês esses saberes lúdicos das crianças indígenas, né, a colega trouxe aí a realidade das crianças urbanas, não é, não indígenas, com o uso dos aparelhos eletrônicos, né, que são vários, desde o tablet, enfim, vários equipamentos tecnológicos, né, e nesse momento que as professoras estão discutindo a organização dos, como é que fala, dos referenciais curriculares para a educação infantil indígena, né, então como que essas pesquisas de vocês podem fazer esse diálogo com essas diversas perspectivas, é que nós tivemos vários olhares nessa, já passei com meus alunos o link do livro de vocês, né, super curiosa para ler, então parabéns e muito obrigada também pelo espaço, pela oportunidade, um abraço.

Ana Lúcia: Então vou passar a palavra, obrigada, viu?, Thelma. Eu vou passar a palavra para a Fabiana e você comenta então a Olívia e a Thelma e daí a gente passa a palavra para os outros. Quem que estava, ia fazer uma pergunta aqui, levantou a mão e abaixou? Rapidinho aqui.

Fabiana: Acho que a Adria aqui, eu acho que ia comentar o pé, para deixar a mãozinha dela rápido e baixou. Eu queria, na verdade, mais agradecer, né, essa manhã, essa oportunidade e parabenizar as colegas pelas falas, pelas pesquisas, também fiquei muito curiosa, gostei muito, né, das interlocuções assim, das trocas de categoria, de ver as perturbações, né, e eu gosto bastante, teria várias coisas para a

gente poder continuar, né, essa mesa, essas conversas, né, nossas pesquisas com criança e eu estou iniciando uma pesquisa agora, então, que não são com crianças aldeadas, são com crianças indígenas, mas as nossas crianças aqui no Maranhão, né, tem esses traços fortes de serem multiétnicas, né, mas a minha pesquisa, a minha última pesquisa publicada e tal, é a pesquisa do doutorado que eu estudo práticas democráticas na educação infantil, então a participação das crianças, né, como uma dessas práticas desse espaço institucional, né, e não a totalidade, né, do que a gente entenderia da defesa de uma educação democrática desde a educação infantil, então eu acho que as colegas, a Adria, a Célia, a Evelyn, que estão desenvolvendo pesquisa nesses territórios, elas, nesse momento, elas, né, privilegiar o espaço delas para fazer essa resposta e esse debate e não ocupar tanto, mas agradecer mesmo a Ana e o Roberto. E desejar um final de semana muito bacana para vocês todos aí, nós aqui, né, do nosso território, prazer estar com vocês, espero que a gente se encontre em breve. Beijo, beijo, Ana, depois a gente conversa do carro. Roberto, prazer te conhecer, você é meio famoso, viu?

Ana Lúcia: E escuta, o Roberto levantou a mão, então eu vou fazer o seguinte, a Fabiana saindo e a Olivia, eu vou passar a palavra pro Roberto, você vai fazer alguma pergunta, é isso, Roberto? Porque aí a gente precisaria ouvir a Evelyn e a Célia sobre a Olivia e a Thelma, então eu passo pro Roberto primeiro.

Roberto: Não, Ana, eu posso fazer, eu queria fazer umas considerações, mas eu posso fazer no final, não tem problema não.

Ana Lúcia: Ah, então tá, e vou me Vanderlete você, quer fazer algum comentário geral aí sobre a, quem você achou das pesquisas, delas, quer fazer algum comentário? Porque aí a gente passa a palavra pra Evelyn, pra Adria e pra Célia.

Vanderlete: Só agradecer, né, na grande contribuição das colegas, eu estou muito feliz de vê-las, de ouvi-las, né, é muita coisa que acrescenta também, né, no nosso trabalho, eu já fui anotando, eu fui pensando em outras coisas, assim, muito, muito grata e muito feliz que eu se encontro, né, é isso.

Ana Lúcia: Então eu passo a palavra agora pra, a Célia já começou a fazer um pouco, pra Célia terminar, aí pra, pra Adria e pra Evelyn, pra comentarem, então, a Thelma e a Olivia. Célia, pode terminar.

Célia: Tá, então, assim, né, eu tinha comentado, já começado a comentar, que quando a gente chega nas aldeias, né, aqui no caso eu e Adria, trabalhamos a nossa fala, mas a partir das experiências com as populações indígenas, né, e às vezes causa algum estranhamento na gente, quando a gente vê uma infância que é diferente, lógico, né, das infâncias que estão em contexto urbano e tudo mais. E, assim, a fala da Olivia, né, sobre a questão do uso de dispositivos eletrônicos, desses aparelhos, né, é uma, uma questão que tá presente, que a gente precisa lidar com elas e que, às vezes, também chega até as aldeias indígenas. Eu acho que menor, é talvez com menor impacto, mas que chega também, né. E aí, diante dessas questões, eu acho que esse campo da perturbação é o campo, realmente, né, que a gente tem que estar pra poder ouvir. A Evelyn fala bastante de ouvir as crianças, né, e acho que é uma provocação interessante e que é uma questão que faz muito parte da dinâmica dos cursos de formação de professores indígenas, onde a gente tem os professores em formação, mas a gente tem muitas crianças participando ativamente ali. Então, às vezes, enquanto os pais estão ali discutindo os aspectos da sua formação, as crianças estão fazendo atividades ali também. Eu acho que isso é uma questão que muito nos ensina também, porque a gente vai ao mesmo...vivenciando e conversando com essas crianças. Em muitos momentos, elas participam ativamente também das atividades que a gente está realizando. E eu penso que, assim, o grande desafio, né, pra todos nós, pra todas nós, né, no caso, um pouco aquilo que a gente colocou no final da nossa apresentação, é fugir dessas armadilhas, sobretudo essas de aprisionamento e de docilização, vamos dizer assim, dos corpos, porque se a gente trabalha com a criança nessa perspectiva de corpo-território, é entender que esse território, ele está presente na criança, não só enquanto uma pessoa, mas é um corpo mesmo, nesse sentido de que é um corpo que é dinâmico, portanto, um corpo que está em atividade e que se relaciona. Então, acho que pensar desse lugar, esse espaço das infâncias indígenas na formação de professores indígenas, é um desafio constante, né, e é uma reflexão que a gente precisa fazer. Do mais, eu agradeço, assim, a participação aqui, acho que foi muito legal, um prazer muito grande estar com todas vocês, com todos vocês, né, nessa mesa de diálogo. Acho que a Ana, assim, é uma pessoa que tem esse, vamos dizer, essa coisa linda que irradia essa energia pra todas nós. Aí, obrigado. Passo para Adria completar aí, né, Adria?

Adria: Eu gostaria de falar um pouco sobre o que a Thelma trás, né, essa perspectiva de uma centralização, né, da criação de uma diretriz curricular para a educação escolar indígena. Eu penso que é aquela discussão, né, toda a tentativa, né, de centralização curricular, ela surge também, desde o movimento da BNCC, seja pra educação escolar indígena, né, seja, e sempre ela tá nessa ordem das fixações, da tentativa, né, de fixação, versus, né, a proliferação infinita, né, de pertencimento. Mas para algumas, né, escolas indígenas, isso também, essa perspectiva, essa dada perspectiva, ela também passa pela ideia do reconhecimento. Para essas populações indígenas é importante ter os documentos, porque a gente sempre ouve isso, né, não é importante, é ruim, mas a gente quer ter o nome, né, e essa busca pelo reconhecimento que vai surgir nessas tentativas também de atribuir um sentido do que seja ser indígena, ser criança indígena, também é um processo que não pode ser estancado pela gente, porque significa que essas populações, elas querem se ver também ali, né, naqueles documentos. E aí a gente recorre até as discussões aí, né, do bom, do ciclo de política, né, aquilo que é pensado no determinado campo, né, ele não vai ser passado para esse outro, né, para essa outra perspectiva tal e qual, sempre há uma reinterpretção. Então, né, o modo do que acontece aqui com o Foréia, né, a gente escreveu um texto que vai sair, né, eu e a Célia, sobre isso, sobre como o Foréia mobilizou dentro do YouTube essas tentativas de fixação do que seria uma BNCC, escapulindo do que seria essa base, porque para eles é importante estar ali, é importante ser reconhecido. Então, assim, não teria uma resposta, mas indagações de que isso também é importante e que a gente não pode falar em nome que não, não vai sair. Porque todo, né, desde da colônia, né, se luta para essa questão das identidades indígenas, seja identidades bilíngues, interculturais, que mais? Do ler, escrever e contar, do rato estúdio, do corte e costura, dos documentos, né, de fazer gelo em escolas aí na periferia de Manaus, como Salesianos também trabalhava nestes encontros, então tudo isto são tentativas de fixações e que os povos indígenas estão sempre escapulindo e destas fixações e criando outras formas de ser e estar, é isto.

Ana Lúcia: Muito obrigada!

Roberto: Eu queria complementar a fala da Adria, rapidinho!

Ana Lúcia: Pode eu vou passar pra vocês pra estar com Evelyn.

Roberto: Só complementar a fala da Adria, rapidinho, assim nós fizemos em 2012, lá no Mato Grosso do Sul, a Isis coordenou o Encontro de Pesquisadores sobre Infâncias Indígenas e lá estavam presentes pesquisadores do Brasil inteiro e a Isis convidou para participar conosco várias populações indígenas. Então no primeiro a gente discutiu que o MEC fez um convite para o nosso grupo indicar uma pessoa para participar de uma discussão, naquela época 2012, sobre diretrizes curriculares para educação infantil indígena. Já tínhamos tomado uma posição, enquanto grupo de intelectuais, enquanto grupo que nós não iríamos participar porque nós éramos contra, quando terminou evento e o indígena levantou a mão e pediu para falar e ele disse: “Nós ouvimos vocês falarem o tempo todo que é importante o diálogo com a gente” e vocês decidiram que vocês não querem participar da discussão sobre uma diretriz curricular sobre educação infantil sem perguntar a gente. Nós queremos sim, educação infantil indígena para as nossas comunidades, vocês decidiram uma coisa sem nos perguntar. Nós ficamos assim um olhando para a cara do outro, eu Clarice e Antonella, com ‘cara no chão’, aí nós começamos a ouvi-los a falar. E eles diziam a gente quer educação infantil, a gente quer essa presença, quer ser reconhecido, se tem uma diretriz curricular porque não vocês não podem estar lá? Por que nós não podemos estar na base de condições desse material? Então é um fenômeno prescritivo, é um fenômeno que de certa forma traz limitações traz imposições? Traz, mas é também uma forma de reconhecimento que alguma à medida que eles não aparecem, né? Aí a gente começou a fazer parte desse processo e ainda que eu tenha saído, né? É importante que a gente comece a ouvi-los! Foi o que aconteceu na licenciatura, né? Célia inicialmente não pensou no curso com formação na educação infantil, mas chegaram e disseram que nós queremos um curso com habilitação em educação infantil, era isto que eu queria colocar.

Ana Lúcia: Muito obrigada. Este encontro em 2012 teve alguma publicação? alguma coisa?

Roberto: Tem um livro, sim.

Ana Lúcia: Nossa, importante, tantos anos atrás, né? Fala aí, Adria quer rebater aqui o Roberto?

Adria: Não, não, não...Estou satisfeita, é só pra agradecer mesmo, foi sem querer, é que toda vez que eu acho que eu vou silenciar eu aperto a mãozinha. É isso!

Ana Lúcia: Evelyn, você pode encerrar agora. E começamos aqui uma rodada de tchaus.

Evelyn: Eu gostaria de agradecer aos meus colegas que não me esqueceram da professora Ana Lúcia Goulart de Faria pela honra reconhecê-la a primeiro momento só conhecia a professora Ana pela fama, né? Que ela é muito famosa e pela e na avaliação da Unicamp quando fui avaliada, e li a sua avaliação e agora quando ela entrou em contato comigo eu fiquei super alegre e me sentindo muito honrada. E honrada continuo com todos vocês, obrigado professor Roberto, a todas as professoras e colegas é que estão aí atuando nessa luta que é sempre uma questão de resistência, né? Muito obrigada!

Ana Lúcia: Foi muito bom, gente, olha as palmas aí, olha eu pedi pra Larissa me mandar a gravação e a Michelle já está esperando para fazer a transcrição e a gente ainda volta para vocês olharem, viu vocês têm um tempo, na base de uma, mas não pode mudar o tom é oral, né? Porque se for artigo, não pode ir nas outras linguagens, tem que passar por 'referir' ainda a tempo de sair agora em dezembro. Então a gente vai pôr nas as outras linguagens, esta linguagem oral, mas às vezes pode ter sido alguma palavra que você prefere trocar ou na transcrição ela não entendeu, então vai voltar aí para vocês. Meus parabéns! Eu para mim...Olha, se a Vanderlete que é a Vanderlete, que daí, falou que teve muitas novidades, imaginem pra mim! Eu quero agradecer muito e aí vocês ficam falando da minha animação, mas eu quero ver arrumar animação para ler tudo isso que vocês tão me passando pelo menos esse livro do Roberto falou, mas o esse artigo da Célia com o Roberto, vocês agora complicando, faz favor, me mandem por e-mail, por favor, vou fazer uma coisa, cria um e-mail que estamos todos nós, e vão colocando o cada um pondo um por cima do outro as referências, esqueceram de fazer isso podia ter colocado aqui no chat. Vamos fazer isto coloquem 2 ou 3 indicaram e Evelyn, agora que eu estou me tocando eu contei pouco em *off* pro Roberto. Quando eu te indiquei, que eu fiz um parecer para você e eu queria te convidar, eles deram risada. A gente conhece ela e tal e coisa e não sei o quê? Aí então é mocinha amiga, olha só, é bom saber

Evelyn: ainda bem que o parecer foi favorável, né?

Ana Lúcia: Lógico, né, acho que eu quis te convidar. Eu achei esse parecer procurando pessoas que eu conhecia de Manaus. Agora quando ele disse que já te conhecia, que você era colega então foi melhor ainda. E lógico que eu dei parecer, coisa mais linda e interessante saber das crianças e esse foco nas crianças que você insiste para nós é meio plano de fundo né Vanderlete têm o GEPEDISC culturas infantis é isso que que é culturas infantis eu quero crianças fazem entre elas, né. Florestan Fernandes que bolou esse conceito 'aquilo que as crianças fazem entre elas existe' uma só de criança que elas fazem entre elas nesse mundo adulto e como que o que elas fazem entre elas interagem com os adultos, então foi muito boa a sua fala, muito boa, todas né na verdade. Algumas ficaram mais na pesquisa ou ficaram mais...Mas, na verdade, estão sempre problematizando o que é que é importante da pesquisa. Oh, gente, super beijo a gente vai falar disso, né Roberto? Vamos fazer um atestado, também pra você eu de agradecimento e colocar na lista, já estou esperando a Larissa me mandar a gravação que eu passar então para Michelle. muito obrigado Roberto você ainda voltou aí dos exames e tudo. Muito obrigada!

Roberto: Tô aqui, estou aqui ainda.

Ana Lúcia: O que você tem aí atrás é uma tela com essa foto toda de tropical?

Roberto: É um plano de fundo.

Ana Lúcia: Eu falei gente, ele foi fazer exame onde? Pensei comigo. Então falou. Você é muito, viu Evelyn você também fica falando que eu sou muito das energias aí, mas você também viu, vou te contar né, me chamou de muito emocionada muito não sei o quê? Mas, olha só, uma aposentada com 2 graduações, tenha paciência! Você para lá de lá, gente, tchau tchau.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DEBATE: CONTRIBUIÇÕES AMAZÔNICAS

Early Childhood Education in debate: Amazonian contributions

Eduardo Pereira Batista

Doutor em Educação
Universidade Estadual de Campinas
Departamento de Filosofia e História da Educação
Campinas, Brasil
dupeba011107@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7606-9413>

Vanderlete Pereira da Silva

Doutora em Educação
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil
vanderletesilva@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-9353-3110>

Ana Lúcia Goulart de Faria

Doutora em Educação
Universidade Estadual de Campinas
Departamento de Ciências Sociais em Educação
Campinas, Brasil
cripeq@unicamp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1886-3790>

Roberto Sanches Mubarak Sobrinho

Doutor em Educação
Universidade do Estado do Amazonas
Curso de Pedagogia - ENS
Manaus, Brasil
rsobrinho@uea.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4893-0883>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Fonte Mécia, 1500, 13273-160, Valinhos, SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente a todas as *personae dramatis* que tornaram possível esse texto: Adria Simone Duarte de Souza, Célia Aparecida Bettiol, Evelyn Lauria Noronha, Fabiana Oliveira Canavieira e Olivia Pires Coelho.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: E. P. Batista, A. L. G. de Faria, V. P. da Silva, R. S. M. Sobrinho

Coleta de dados: V. P. da Silva, E. P. Batista

Análise de dados: E. P. Batista, A. L. G. de Faria.

Discussão dos resultados: V. P. da Silva, A. L. G. de Faria

Revisão e aprovação: W. Rigolon

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 22-01-2025 – Aprovado em: 05-03-2025